



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

ANDRÉ LUIZ SILVA DE REZENDE

SERVIÇO SOCIAL E ENVELHECIMENTO: vivências e práticas no grupo renascer

RIO DE JANEIRO
2022



ANDRÉ LUIZ SILVA DE REZENDE

SERVIÇO SOCIAL E ENVELHECIMENTO: vivências e práticas no grupo renascer

Trabalho de Conclusão de Curso obtenção do título
de bacharel em Serviço Social pela Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof.^a Dr^a Susidarley Fidéles da Motta

RIO DE JANEIRO

2022

ANDRÉ LUIZ SILVA DE REZENDE

SERVIÇO SOCIAL E ENVELHECIMENTO: vivências e práticas no grupo renascer

Trabalho de Conclusão de Curso obtenção do título
de bacharel em Serviço Social pela Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro
Orientadora: Prof.^a Dr^a Susidarley Fidéles da Motta

Aprovado em: ____/____/____

Prof.^a Dr^a. Susidarley Fidéles da Motta - Orientadora
Professora de Graduação do Curso de Serviço Social – UNIRIO

Prof.^a Dr^a. Janaina Bilate Martins
Professora de Graduação do Curso de Serviço Social – UNIRIO

Prof.^a Dr^a. Vanessa Bezerra de Souza
Professora de Graduação do Curso de Serviço Social – UNIRIO

RIO DE JANEIRO
2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pela saúde até aqui e a meus pais Arnaldo (*in memoriam*) e Marly pelo amor e cuidado incondicionais. Sem o patrocínio de minha Mãe - que faço questão de escrever com M maiúsculo, apesar do aviso do corretor de texto - este projeto seria muito mais dificultoso, impossível talvez.

A meus filhos Gabriel e Hareom, meus amigos e confidentes que sempre me apoiam e aconselham, muitas vezes invertendo papéis, me mostrando que idade nem sempre é sinônimo de sabedoria.

As Mães deles dois, formadoras de homens bons, justos e amorosos.

A Unirio e todo o corpo de servidores que ali se dedica na manutenção do ensino de muito alta qualidade. A todos e todas sem exceção. Ao corpo docente, à reitoria, à administração, à segurança, às equipes de manutenção e conservação dos espaços, enfim. Vocês muitas vezes precisam dar nó em pingo d'água - e dão- para atender às diversas demandas de centenas de alunos e alunas (e falo apenas da Escola de Serviço Social - os números totais, sabemos, são da casa dos milhares), sempre com grande dedicação e preocupação.

As amigas das(os) colegas de sala neste grande espaço, que aglutinou, inevitavelmente, afinidades de espírito e de interesses comuns e que tornaram a trajetória destes últimos anos mais leve. O apoio em um momento de desânimo, uma piada para descontrair, um texto que precisava ser enviado às pressas, coisas estas que surgem apenas do convívio diário.

A Prof^{as}. Susidarley, pela orientação, estímulo e apoio, fundamentais, desde escolhido o tema, atuando muitas vezes como psicóloga de plantão.

As Prof^{as}. Janaina e Vanessa, que aceitaram compor a banca de TCC, nas condições mais adversas, com o mesmo carinho e atenção que sempre lhes foi característica.

Ao Grupo Renascer, aos idosos e idosas que ali frequentam e a toda equipe multidisciplinar ali presente, sempre dando o melhor de si. Meu especial agradecimento as Supervisoras de Campo de Estágio Heliane e Andrea e a todo staff do Renascer,

capitaneado pelas incansáveis Maria Lucia, Tércia e Regina. Foi uma grande honra e um grande privilégio aprender a atuar com vocês! Anseio revê-las!

A minha família, minhas tias, tios, primas e primos, marcas indeléveis da minha infância e constituintes também de quem eu sou hoje, em especial a minha tia Elza, *mãe reserva* para assuntos aleatórios e momentos difíceis.

Ao meu primo/irmão Marcos, que sem saber, ao me convidar para sua formatura como bibliotecário na UFF, em 2011 (e ele também já passados seus quarenta anos), foi um grande estímulo e um grande exemplo, além é claro, das preciosas dicas sobre fichamento, formatação e referências!

A Anne, amiga, companheira e amante, com quem convivi durante os anos de academia e com quem dividi cada novo desafio, cada boa nota conquistada. Foi quem quase chutou meu traseiro, pelo telefone mesmo, quando, no penúltimo dia restante para efetuar a matrícula no curso, em março de 2016, em meio a maior enchente dos últimos anos na capital do Rio de Janeiro e eu liguei da estação do metrô de Botafogo dizendo que voltaria no dia seguinte e ouvi como resposta: “Não! Você vai fazer a matrícula hoje!” E como quem tem juízo obedece, tirei os tênis e fui com água até os joelhos ao prédio da Nutrição, efetuar minha matrícula à luz de uma lanterna. Desejo que o vento que um dia nos aproximou e também nos afastou a encontre bem e com saúde.

A todos e todas, enfim, que somaram experiências e conhecimento nesta trajetória - e isto inclui carinho, amizade e algumas reprimendas - o meu muito obrigado!

REZENDE, André Luiz Silva de. **Serviço Social e envelhecimento**: vivências e práticas no grupo renascer.2022. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) Centro de Ciências Humanas e Sociais - Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo revisitar as origens do Serviço Social brasileiro, sua evolução e consolidação como profissão e apresentar a criação das políticas públicas que visam a garantia da seguridade do trabalhador - e em especial as políticas de proteção e saúde do trabalhador idoso - para suscitar o debate sobre a questão do envelhecimento e dos conceitos acerca da velhice na atual sociedade de consumo no marco do capitalismo neoliberal. Pretende-se assim, com pesquisa qualitativa e baseada em revisão de literaturas sobre o tema, apontar a urgente demanda solicitada aos profissionais, estudantes e docentes do Serviço Social: uma maior aproximação e entendimento das questões que envolvem o envelhecimento e as possibilidades de ações que minimizem o impacto, nos indivíduos e nas sociedades, da crescente taxa de envelhecimento em nível global. Uma destas ações, pretende-se aqui demonstrar, e o combate ao etarismo/ageismo, ou seja o preconceito por idade e para tanto é apresentado, ao fim deste trabalho de pesquisa e teorização, o projeto de intervenção de estágio "Etarismo: Que Trem é Esse?", que pretende exemplificar formas de intervenção mais atraentes e palatáveis ao público alvo e a sociedade em geral, incluindo o público infantil, que deve estar na mira da prevenção e desconstrução do etarismo conforme apresentado nesta pesquisa.

Palavras-chave: Serviço Social. Envelhecimento. Velhice. Preconceito. Ageismo.

REZENDE, André Luiz Silva de. **Social Working and aging**: livings and practices at the renascer group. 2022. 71 f. Term Paper (Social Work Graduation) - Humans and Socials Sciences Center - Social Work School - Federal University of Rio de Janeiro State – 2022.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to visit the origins of the Brazilian Social Work, its evolution and consolidation as a profession and to present the creation of public policies aimed at guaranteeing the worker's security - and in particular the policies of protection and health of the elderly worker - to raise the debate on the issue of aging and the concepts about old age in the current consumer society in the framework of neoliberal capitalism. Thus, it is intended, with qualitative research and based on a literature review on the subject, to point out the urgent demand requested from the professionals, students and teachers of the Social Work, a greater approximation and understanding of the issues involving aging and the possibilities of actions that minimize the impact on individuals and societies of the increasing rate of aging at the global level. One of these actions which is intended to demonstrate here is the fight against ageism, that is prejudice and for that, it is presented at the end of this research and theorization work, the intervention project "Ageism: Which Train Is This?", that intends to show forms of intervention more attractive and palatable to the target audience and society in general, including the children's audience, which should be in the sights of preventing and deconstructing ageism, as presented in this research.

Keywords: Social Work. Aging. Old age. Prejudice. Ageism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1- Envelhecimento da População idosa.....	29
Tabela 1 - Autores , em sucessão cronológica, de 1959 a 2008.....	38

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABAS** - A Associação Brasileira de Assistentes Sociais
- ABESS** - Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social
- ABEPSS** - Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
- CAP** - Caixa de Aposentadoria e Pensão
- CBAS** - Congresso Brasileiro de Assistente Sociais
- CBCISS** - Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais
- CEAS** - Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo
- CEMPE** - Centro Multidisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão sobre
Envelhecimento
- CFESS** - Conselho Federal de Serviço Social
- CRAS** - Conselhos Regionais de Assistentes Sociais
- CRESS** – Conselho Regional de Serviço Social
- DNSP** - Departamento Nacional de Saúde Pública
- ENPESS** – Encontro Nacional de Pesquisadoras (es) em Serviço Social
- FUNRURAL** - Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
- IAP** - Institutos de Aposentadorias e Pensões
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INPS** - Instituto Nacional de Previdência Social
- INSS** - Instituto Nacional do Seguro Social
- INAMPS** - Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
- HUGG** - Hospital Universitário Gaffrée e Guinle
- LBA** - Legião Brasileira de Assistência
- LOAS** - Lei Orgânica da Assistência Social
- LOPS** - Lei Orgânica da Previdência Social
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- OMS** - Organização Mundial da Saúde
- PNI**-Política Nacional do Idoso
- SBGG** - Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
- SESC** - Serviço Social do Comércio
- SUS** - Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
1 DAS PROTOFORMAS ASSISTENCIALISTAS AO SERVIÇO SOCIAL: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA.....	14
2 O SERVIÇO SOCIAL, AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SEGURIDADE SOCIAL E A POPULAÇÃO IDOSA.....	25
3 PARA ALÉM DA LONGEVIDADE: UM DEBATE SOBRE DIFERENTES VELHOS E VELHICES.....	31
3.1 O Serviço Social no Campo da Gerontologia Social.....	40
3.2 O Serviço Social e sua colaboração para uma Gerontologia Social crítica...42	
4 O GRUPO RENASCER E O PROJETO DE INTERVENÇÃO DE ESTÁGIO ETARISMO: QUE TREM É ESSE?.....	50
4.1 O Grupo Renascer.....	50
4.2 O Serviço Social no Grupo Renascer:.....	50
4.3 O Projeto: Abordando o Preconceito de Idade – Etarismo.....	51
4.4 Justificativa.....	52
4.5 Objetivo Geral.....	54
4.6 Objetivos Específicos.....	54
4.7 Metas.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXO A: ETARISMO QUE “TREM” É ESSE?.....	64
ANEXO B: Abaixo-assinado contra o desmanche do CEMPE.....	69

APRESENTAÇÃO

Ingressei no curso de Serviço Social aos 50 anos, no primeiro semestre de 2016, enxergando a minha própria extemporaneidade em ambiente majoritariamente frequentado por discentes bem mais jovens. Precisei de quase três semestres para deixar de me sentir um “peixe fora d’água” e trilhar a academia, tecendo relações de grande estima e amizade com os que me cercaram. Talvez o golpe de 2016 tenha colaborado para esse estreitamento nas relações. De certa forma a incerteza com o futuro nos fez mais fraternos.

Trazia em minha bagagem décadas de atuação no mundo das artes plásticas, ou melhor, no mundo que passei a chamar de “artes práticas”, pois diferente da imagem habitual que se tem de um artista plástico, ou seja, a de um pintor de quadros abstratos, por exemplo, que pode lucrar muito com algumas pinceladas, a realidade que vivi com a arte foi bem diferente, pois significou e ainda significa trabalho por demanda, para a televisão em grande parte e mais recentemente para empresas e particulares. Trabalho este que muitas vezes pouco tem de realmente criativo pois tratam-se de pedidos de reprodução de algo já idealizado e projetado, pelo cliente ou por terceiros.

Conto isto porque nutri (e ainda nutro) grande desejo de conjugar com o Serviço Social a experiência obtida em muitos anos de prática artística nos moldes, quiçá, de programas voltados para a arte terapia no sistema de ensino ou na área da saúde mental, por exemplo.

Felizmente, para minha grande satisfação, este desejo se concretizou em diversas ocasiões, quando, na apresentação de avaliações de disciplinas individuais ou em grupo eu pude, sempre incentivado pela docência, expressar conteúdos pertinentes a nossa grade, de forma mais lúdica e acessível, através do uso de imagens, vídeos, música e ilustrações por exemplo. Porém, e esta para mim foi a parte mais difícil, muitas vezes me vi sendo questionado pela docência e por colegas de turma sobre a validade e a viabilidade das atividades que eu propunha e, sobretudo, sobre a disciplinaridade ou legitimidade daquelas propostas. Confesso que a palavra disciplinaridade foi, até pouco tempo, uma espécie de “bicho papão” que, em certos momentos, me frustrava, pois, eu via - e continuo vendo - possibilidades mais diversificadas de apreender e de comunicar

os temas do Serviço Social. As possibilidades de utilizarmos, para além do texto escrito e com as ferramentas tecnológicas multimídia que hoje dispomos, outras formas de comunicação do nosso conteúdo acadêmico e profissional entre os nossos pares e junto ao público usuário em geral é um desafio que me anima e me contagia!

E, para tanto, trago à luz, no último capítulo desta monografia, a idealização e elaboração do projeto de intervenção “Etarismo: que trem é esse?” e toda a síntese que foi necessária para a sua construção e implementação. Para minha surpresa, percebi que eu acabei acertando em um alvo (não sem a necessária e brilhante orientação, acadêmica e de campo) mesmo sem saber, naqueles dias de 2019, para *onde apontar exatamente*. Posso dizer hoje, passados mais de dois anos de reflexão, novas leituras e de dedicada orientação acadêmica que saberei agora, com muito mais chance de acerto, nas situações vindouras, onde o alvo provavelmente estará.

Vivemos ainda, no momento desta escrita, o longo período da pandemia de Covid 19 e suas variantes, iniciada em 2020. É necessário dizer que nossas rotinas, planos e metas foram drasticamente alterados e projetos tiveram, muitas vezes, que ser adiados, modificados ou adaptados. Muito do que aqui mostraremos sobre o campo de estágio no Grupo Renascer sofreu alterações por razões óbvias. Mas o Grupo Renascer permanece vivo, prestando relevantíssimo serviço à sociedade, ao público usuário idoso e à comunidade acadêmica. E precisa, portanto, de nosso apoio e fomento pois vem sofrendo, nestes tempos incertos e de muita luta, constantes ameaças.

INTRODUÇÃO

Pretende-se aqui, antes de mais nada, lembrar as origens e a consolidação do Serviço Social no Brasil. Logo após esta preleção mostrar-se-á, de maneira cronológica, a evolução das políticas públicas em relação à população trabalhadora, em especial à população trabalhadora idosa, seus avanços e retrocessos; e a grande importância da profissão nesta área de atuação e produção de conhecimento que surge no trato do Serviço Social, do Estado, das famílias e da população em geral, com a questão da velhice e do envelhecimento.

O método de pesquisa aqui utilizado foi bibliográfico e também participante, pois inclui a vivência em campo de estágio.

E, antecipando qualquer estranhamento possível em relação aos termos aqui utilizados, pois aprendemos que o mais correto seria utilizar a palavra “idoso” ou “idosa”, pretendemos mostrar também os múltiplos entendimentos e significados atribuídos ao processo natural do envelhecimento e a atribuição de uma velhice socialmente construída, em diferentes épocas e nações. Significados estes muitas vezes negativos e pejorativos, mas também em muitas outras situações, positivos (e estes, em especial, são os que nos interessam) no uso das palavras “velhice” e “velha”, por exemplo.

Entretanto, o mais importante nesta monografia será mostrar, para além dos aspectos históricos e relacionais, também as consequências que as diferentes formas de tratar a velhice podem produzir na vida do trabalhador e as possibilidades de atuação, intervenção, pesquisa e resolubilidade do Serviço Social neste campo.

Utilizamos, para tanto, autoras e autores consagrados na nossa formação acadêmica e que, claro, articulam as teorias marxianas e marxistas sobre capital e trabalho e todas as derivações produzidas nesta relação que culmina na Questão Social. Citamos dentre outras referências, Marilda Iamamoto, José Paulo Netto e Norberto Bobbio.

No que tange às publicações mais recentes, apropriamo-nos de artigos, coletâneas, ensaios e trabalhos acadêmicos específicos sobre envelhecimento e sociedade como referência para nossa argumentação, com especial ênfase à tese de especialização em gerontologia de Hastânia Maria Leite Mendonça (2007), da Escola de

Saúde Pública do Ceará e a coletânea de artigos Serviço Social e Envelhecimento (2020) organizado pela Prof.^a. Dr.^a. Solange Maria Teixeira, da Universidade Federal do Piauí.

E, por fim, discorreremos sobre a atuação em campo de estágio supervisionado obrigatório junto ao Grupo Renascer, projeto integrante do CEMPE, Centro Multidisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão sobre Envelhecimento, sediado no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle - HUGG, sob administração da nossa querida UNIRIO. Falaremos, não sem indisfarçável orgulho, do CEMPE e do Grupo Renascer e do grande privilégio que é para o estudante de Serviço Social participar deste projeto. Analisaremos os diversos aspectos, possibilidades e limitações observadas e vividas junto ao público idoso ali atendido. O capítulo encerra com a reapresentação do projeto de intervenção no estágio cujo título "Etarismo, que trem é esse?", logrou mostrar, a título de avaliação acadêmica, a instrumentalidade do Serviço Social na questão do envelhecimento, especificamente em relação ao preconceito e a discriminação por faixa etária, fenômeno social este em que os idosos são as maiores vítimas.

Finalizando, apontamos as perspectivas para o futuro, o esforço para a manutenção de conquistas e a importância de uma maior aproximação com a Gerontologia Social Crítica.

1 DAS PROTOFORMAS ASSISTENCIALISTAS AO SERVIÇO SOCIAL: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

A caridade passa a utilizar os recursos que a ciência e a técnica lhe oferecem; mobiliza, além dos sentimentos, a inteligência e a vontade para o serviço da pessoa humana. O Serviço Social representa uma evolução dos antigos métodos, favorecida pelas descobertas científicas, pelo desenvolvimento dos estudos sociológicos e, principalmente, pela intensidade e complexidade dos problemas sociais presentes. Isso o distingue das antigas formas de assistência. (IAMAMOTO, 1980, p.264)

Talvez a melhor e mais dura forma de se testar o conhecimento de um graduando em Serviço Social seja nos encontros familiares, onde aquele parente que não vemos há tempos, pergunta: “Por que você escolheu essa faculdade?” ou “Para quê serve esse *tal* Serviço Social?”

De maneira geral, respondemos que o Serviço Social atua na defesa dos direitos do trabalhador, nas expressões da questão social por intermédio das políticas sociais públicas. O silêncio que vem após nos deixa livres para prosseguirmos em meio aos demais convidados com assuntos menos comprometedores. Afinal, aproxima-se a hora de cantar os parabéns e, geralmente, a pessoa que perguntou não está muito disposta a ouvir uma resposta mais detalhada, pois isso levaria um tempo bem mais substancial.

Mas caso esse parente se dispuser a ceder um pouco de sua preciosa atenção, podemos convidá-lo para um canto menos barulhento no evento e fazer a preleção a seguir:

O Serviço Social delineou-se como profissão na Europa, notadamente na Inglaterra, a partir do final do século XIX e início do século XX, no período histórico que ficou conhecido como Revolução Industrial. Este período assinala a incorporação de novas descobertas tecnológicas e de todo um novo maquinário desenvolvido, baseado, inicialmente, em vapor e, posteriormente, na eletricidade e nos combustíveis fósseis, notadamente o carvão e o petróleo. (MARX, 2011, p.611)

O advento deste novo maquinário irá, progressivamente, substituir a força de trabalho animal e humana necessárias até então para a produção de bens de consumo,

com custos mais reduzidos e maior eficiência, haja vista que máquinas não reclamam por melhores salários, não sentem estafa, não adoecem e não precisam de descanso.

O que começa a ocorrer em seguida irá configurar uma das manifestações do que chamamos hoje de Questão Social, ou seja, desemprego em massa, fome, endemias, violência e demais mazelas trazidas pelo pauperismo, termo que, diferentemente da pobreza - que pode por exemplo assolar populações inteiras em períodos de estiagem ou inundações - ocorre dentro de sociedades desenvolvidas porém extremamente desiguais em termos de acesso aos bens e serviços por ela produzidos. Tem-se desta forma uma clara divisão de classes. A classe que trabalha e produz bens - e a classe que consome estes bens e explora a força de trabalho necessária para produzi-los.

Este importante período - e não por menos é chamado de revolução- assinala ainda a definitiva transição para o sistema econômico que irá ser adotado ao redor do mundo no século XX: o capitalismo monopolista, enterrando de vez os últimos resquícios das antigas trocas comerciais remanescentes do período feudal e do capitalismo concorrencial. Daí por diante, expandindo-se a partir da Europa, as nações irão presenciar uma vertiginosa corrida - que se estende até os dias de hoje de maneira cada vez mais febril - por produzir mais, em todas as áreas (na agricultura, na engenharia, na indústria, etc.) por um custo cada vez menor, explorando ao máximo a mão de obra disponível - ainda que para operar máquinas, em gestos repetitivos e alienantes -com menores salários possíveis e jornadas de trabalho extenuantes, i. e., a mais valia absoluta.

O conceito de mais valia foi dissecado por Karl Marx (1818 - 1883) e Friedrich Engels (1820-1895), filósofos e escritores alemães, e irá cristalizar-se no tratado "O Capital" (1867), uma referência obrigatória a todos que pretendem desvelar as relações de causa e efeito da acumulação capitalista e as expressões da Questão Social, que é, conforme já dito, o terreno de atuação do Serviço Social.

Desta forma, podemos afirmar que o Serviço Social surge por uma necessidade do próprio modo de produção capitalista, a fim de atenuar e articular, junto à classe trabalhadora - o chamado proletariado - as desigualdades e mazelas da exploração da força de trabalho (e a manutenção dessa força de trabalho em condições no mínimo suficientes para exercer o trabalho dela esperado) e, de outro lado, os interesses dos

donos dos meios de produção - o patronato capitalista - por mais contraditória que possa parecer essa relação, estando o próprio Serviço Social, traduzido em última instância na figura da(o) Assistente Social, inserido naquele contexto como força de trabalho assalariada a serviço das relações capitalistas.

Porém o Serviço Social não surge como coisa dada, em um dia específico. Entende-se hoje que suas origens remontam à Idade Média, ainda antes da consolidação do capitalismo, e claro, com outras roupagens e propósitos ainda não tão bem delineados.

Iamamoto, em sua primorosa obra “Relações Sociais e Serviço Social no Brasil” (1980), muito bem definiu esta gênese do Serviço Social como as *protoformas* da profissão, oriundas da religiosidade católica e representada, em sua quase totalidade, por mulheres e jovens moças das famílias mais abastadas da sociedade burguesa, movidas por ideais messiânicos de benemerência e assistencialismo para com a população desempregada e em situação de vulnerabilidade.

Estas iniciativas assistencialistas - e importa aqui diferenciar do que mais tarde seria Assistência Social¹ - muito embora de cunho moralizante e evadas de catecismo religioso, têm fundamental participação no histórico do Serviço Social no Brasil, pois, pouco a pouco, estas moças e jovens senhoras foram tomando contato com as causas operárias, a princípio, pelo viés positivista norte-americano (encabeçado, principalmente, pela indústria automotiva de Henry Ford que se tornará referência mundial em alta produtividade, otimização dos tempos e massificação da força de trabalho operária) importando assim para a América Latina, no início da década de 1930, a cartilha do Serviço Social norte-americano e europeu que buscava *ajustar* o empregado das florescentes indústrias, de maneira até então acrítica (i. e, sem questionar a legitimidade da luta de classes ou ocultando-a) às normas e padronizações inerentes ao chão das fábricas.

Nestes termos, o Serviço Social desta época, ainda dando seus primeiros passos, irá tratar o trabalhador como peça a ser ajustada para que a engrenagem das fábricas *fluam* da melhor maneira possível, sendo o próprio operário apenas mais uma peça dessa engrenagem, não reconhecendo, pelo menos não naquele momento, sua subjetividade.

¹ A Assistência Social só irá tornar-se Lei com a Constituição de 1988.

A regra era cuidar para que operários e operárias não usassem bebidas alcoólicas, cuidassem de sua higiene e aprendessem noções de economia doméstica ou jardinagem, por exemplo, a fim de se manterem aptos ao trabalho e, por conseguinte, gerando lucros ao investidor capitalista. Este Período foi fortemente marcado pelos ensinamentos da norte-americana Mary Richmond, cujo procedimento de *análise de casos* (a culpabilização do trabalhador por seu *desajuste*) perdurou por mais de duas décadas aqui no Brasil, apesar de ter sido este o período em que foi oficializado o Serviço Social como profissão e onde surgiram as primeiras instituições voltadas para o ensino do ofício de Assistente Social. Nas palavras de Iamamoto:

O Serviço Social se gesta e se desenvolve como profissão reconhecida na divisão social do trabalho, tendo por pano de fundo o desenvolvimento capitalista industrial e a expansão urbana [...]. É nesse contexto, em que se afirma a hegemonia do capital industrial e financeiro, que emerge sob novas formas a chamada “questão social”, a qual se torna a base de justificação desse tipo de profissional especializado. (IAMAMOTO, 1980, p.101)

Voltando ao Brasil, e a esta altura do desenvolvimento do capital industrial, o Estado, que até então abstinha-se de intervir na questão social e assistia complacente às iniciativas caritativas de cunho religioso, é compelido a agir, seja a favor do empresariado, seja a favor da mitigação do processo de empobrecimento e insalubridade do crescente exército industrial de reserva. Ou seja, da crescente força de trabalho ociosa gerada, tanto pela substituição por máquinas, quanto pelo adensamento demográfico e o fluxo migratório para as capitais (notadamente São Paulo e Rio de Janeiro, a princípio). Sobre essa inserção do Estado na consolidação da profissão, Iamamoto nos diz:

O Serviço Social no Brasil afirma-se como profissão, estreitamente integrado ao setor público em especial, diante da progressiva ampliação do controle e do âmbito da ação do Estado junto à sociedade civil. Vincula-se, também, a organizações patronais privadas, de caráter empresarial, dedicadas às atividades produtivas propriamente ditas e à prestação de serviços sociais à população. A profissão se consolida, então, como parte integrante do aparato estatal e de empresas privadas, e o profissional, como um assalariado a serviço das mesmas. (IAMAMOTO, 1980, p.104)

Embora, frisa a autora, não sem antes ter ocorrido um certo lapso de tempo entre as primeiras iniciativas das alas religiosas para tratar a questão social ante os abusos da

política econômica e a efetiva participação do Estado neste processo. Lembrando que falamos ainda das décadas de 1920-1930. E aqui a autora nos lembra do inflamado discurso de dom Sebastião Leme, em 1916, ao assumir a diocese de Olinda:

Somos uma maioria ineficiente (...) somos uma maioria asfixiada (...) O Brasil que aparece (...) é o da minoria. (...) Que propaganda fazemos? Que programa desdobramos? Que resistência opomos? (...) Em vez de coro plangente, formemos uma legião que combata; quem sabe falar, que fale, quem sabe escrever, que escreva. (IAMAMOTO, 1980, p.188)

À guisa de uma data, pode-se estabelecer, no Brasil, o ano de 1932 como a “manifestação original” (nas palavras de Iamamoto) do nosso Serviço Social, com o surgimento do Centro de Estudos e Ação Social de São Paulo (CEAS). Ainda sob a égide do catolicismo, porém, já apontando para a necessidade de um entendimento maior sobre a questão social, para além da mera filantropia. O que se dará a passos lentos, mas constantes, nas décadas seguintes.

Frequentado por jovens mulheres da elite paulistana o CEAS irá promover o Curso Intensivo de Formação Social Para Moças e irá, para além da já esperada reiteração do ideário filosófico cristão, promover noções de cidadania e participação política entre as cursistas, necessários para futura atuação junto aos sindicatos e agremiações operárias.

Logo à frente, em 1935, é criado o Departamento de Assistência Social do Estado, que irá empregar as jovens oriundas do CEAS em cargos administrativos e de fiscalizações em diferentes áreas de assistência, dentre outras, as relativas ao cuidado de menores, migração, desvalidos, egressos de reformatórios, etc. E em 1938 inaugurou-se a Seção de Assistência Social. Apesar do enorme progresso, era ainda prática adotada o tratamento de casos individuais, tratando o usuário dos serviços como um “desajustado”, que *carece* de valores morais cristãos como frisa Iamamoto:

O método central a ser aplicado é definido como sendo o Serviço Social de Casos Individuais, devendo-se “estimular o necessitado, fazendo-o participar ativamente de todos os projetos que se relacionam com seu tratamento (...) utilizar todos os elementos do meio social que possam influenciá-lo no sentido desejado, facilitando sua readaptação” e propiciar um auxílio material reduzido ao mínimo indispensável, “para não prejudicar o tratamento”.(IAMAMOTO, 1980, p.231)

Ainda na cidade de São Paulo, é criada, pelo CEAS, em 1936 a primeira Escola de Serviço Social onde toma corpo a clara participação do Estado no fomento da formação de profissionais nesta área. Convênios são criados e as jovens têm colocação garantida em postos de trabalho governamentais. A escola começa a se propagandar e logo a disputa pelas moças com formação técnica e específica tornam-se disputadas pelo mercado privado, inclusive. Apontando esta paulatina transição para uma formação mais técnica e laica, lamamoto ressalta:

O portador dessa qualificação não mais necessariamente será uma moça da sociedade devotada ao apostolado social. Progressivamente se transformará num componente de Força de Trabalho, possuindo uma determinada qualificação, englobada na divisão social- técnica do trabalho. (lamamoto, 1980, p.235)

Popularizaram-se, desta forma, os cursos técnicos e institutos de ensino voltados ao Serviço Social na década de 1940, em São Paulo e também no Rio de Janeiro. Quase todos ligados à atenção à “infância abandonada”. Muitas destas iniciativas como cursos intensivos e técnicos, a princípio. Atentos à possibilidade de melhor remuneração e maior empregabilidade, o público masculino começa também a procurar tais centros de formação.

A Segunda Guerra Mundial irá produzir um certo “apagão” ou pelo menos um acentuado arrefecimento na formação de novas(os) assistentes sociais até 1947, segundo a pesquisa de lamamoto. Ainda assim, mais de uma dezena de escolas de Serviço Social foram criadas nas principais capitais do país neste período.

O conservadorismo e a forte tendência de enxergar (ou melhor, ocultar) as expressões da questão social como “patologia” individual ou coletiva irá perdurar por quase duas décadas no Serviço Social brasileiro. O surgimento de um pensamento mais crítico e menos paternalista da categoria só irá surgir em cerca de duas décadas, em meados dos anos 1960, como veremos adiante.

Atravessa-se, assim, o período da Segunda Grande Guerra e, aqui no Brasil, sob a ditadura Vargas, sem grandes transformações na mentalidade e na atuação do Serviço Social, muito embora essa década e meia tenha consolidado a intervenção do Estado no trato da questão social e o reconhecimento da profissão. A Associação Brasileira de

Escolas de Serviço Social (ABESS) foi criada a partir do CEAS, em 1946. Em 1947 é publicado o primeiro Código de Ética do Assistente Social. Evidentemente ainda eivado pelo aspecto religioso cristão, porém um marco no reconhecimento do estatuto da profissão de Assistente Social, suas competências e deveres à época.

Outro ponto de destaque, seguindo esta cronologia, é a ascensão do Serviço Social, no Brasil, à categoria de curso superior, com currículo mínimo, definido pela (Associação Brasileira de Escolas de Serviços Social) ABESS e a Associação Brasileira de Assistentes Sociais (ABAS) em 1953, cabendo a estas organizações a concessão de diplomas para os formandos. O final dos conflitos globais trouxe, a partir da década de 1950, a retomada do desenvolvimentismo², a reestruturação das indústrias e, conseqüentemente, da necessidade de contratações em massa para o chão das fábricas, em uma corrida assaz frenética para a implementação de novas tecnologias e processos conquistados arduamente no fazer da guerra e que, agora, poderiam abastecer um novíssimo mercado de consumo de bens. Este período compreendido entre as décadas de 50-70 do século passado foi chamado por muitas nações como os anos dourados do crescimento econômico, quando a produção industrial cresceu exponencialmente e os trabalhadores gozaram do que passou a ser chamado de “welfare state” ou estado de bem-estar social. Assim, supostamente estariam equacionadas a questão social e as contradições entre capital e trabalho.

Nestes afortunados países (notadamente na Europa e nos EUA), o operariado desfruta, dentro daquele período histórico, de melhores condições de vida, saúde, previdência social e claro melhores salários. Embora os autores nacionais que abordam este período não afirmam que vivemos um “welfare state”, pode-se dizer que experimentamos algo parecido, porém anos mais tarde, o nosso *milagre econômico*, do qual falaremos mais adiante.

²Entendemos por desenvolvimentismo [...] a ideologia de transformação da sociedade brasileira definida pelo projeto econômico que se compõe dos seguintes pontos fundamentais: (a) a industrialização integral é a via de superação da pobreza e do subdesenvolvimento brasileiro; (b) não há meios de alcançar uma industrialização eficiente e racional através da espontaneidade das forças de mercado, e por isso, é necessário que o Estado a planeje; (c) o planejamento deve definir a expansão desejada dos setores econômicos e os instrumentos de promoção dessa expansão; e (d) o Estado deve ordenar também a execução da expansão, captando e orientando recursos financeiros e promovendo investimentos diretos naqueles setores em que a iniciativa privada for insuficiente.(FONSECA, 2015, p.16)

Evidente que o Serviço Social é alçado à condição de imprescindível neste momento histórico. A profissão vive um *boom* e o Assistente Social é peça *sine qua non* nos governos e nas empresas como articulador e mantenedor da ordem social dentro dos espaços socio-ocupacionais em diferentes áreas. A vertiginosa produção de bens, encabeçadas pela indústria automotiva (o sonho de consumo norte americano) e pelos eletroeletrônicos necessitava da expertise técnico-operacional maturada pela categoria nas décadas anteriores.

A bem da verdade o Serviço Social dos EUA, apesar de viver seus anos dourados, ainda mantinha o proletariado dentro da estrita visão conservadora de Mary Richmond, ou seja, a de tratar casos individuais e de *ajustar* os indivíduos como peças de uma engrenagem.

É sabido que poucos momentos foram tão marcantes em termos de mudanças econômicas, culturais e de costumes, quanto o foi a década de 1960 e o início da década de 1970. Vários são os fatores que, em conjunto, desencadearam este momento único na história. A primeira grande crise do petróleo foi um deles. O império norte-americano é posto em xeque e reage invadindo a Coreia e o Vietnã. O que se segue é o horror de um primeiro conflito televisionado na hora do jantar, por exemplo, onde pais *patriotas* poderiam assistir seus filhos explodindo pelos ares ao pisar em uma granada vietcong. Massacrada emocional e fisicamente, em uma guerra onde não se sabia exatamente qual era o inimigo ou o propósito, a sociedade norte-americana - e em seguida o mundo como um todo - despertou seu clamor pelo fim de um morticínio que, no fim das contas, durou quase 20 anos.

Embalados pelos protestos de grupos com cartazes onde se lia *faça amor, não faça guerra*, surgem as comunidades *hippies*, os grupos de objetores da consciência que se negavam a pegar em armas, o movimento *black power*, os movimentos feministas, o *flower power*, a cultura dos psicodélicos e todo um fervilhante somatório de atitudes, pensamentos e manifestações que provocaram uma inigualável e, até hoje, insuperável revolução cultural, indelével na história da humanidade, que chega mesmo a eclipsar importância histórica da corrida espacial pelo pouso na Lua e a guerra fria EUA-URSS e sua ameaça de destruição atômica.

Este gigantesco caldeirão em ebulição irá mexer também com as mentes e os corações dos Assistentes Sociais. Mas, inicialmente, sua maior repercussão se dará aqui, na nossa América Latina, bloco que já carregava o histórico de abusos sofridos pelas nações europeias e norte-americanas há séculos. Um histórico de violações, escravização e expropriação.

Desta forma, em resposta ao imperialismo, à exploração econômica, e à subalternidade dos chamados *países baixos* em relação aos países desenvolvidos economicamente, inicia-se, por aqui, um movimento de contracultura - dentro e fora do Serviço Social. Um movimento anti-imperialista que irá propor, pela primeira vez, o questionamento das estruturas conservadoras e a lógica envolvida na acumulação do capital internacional, assunto *tabu* em todas as esferas da profissão até então.

Este movimento, ou esta somatória de iniciativas transformadoras será reconhecido, em se falando de Serviço Social na América Latina, como o Movimento de Reconceituação e tem seu marco no I Seminário Regional Latino-Americano de Serviço Social, ocorrido em Porto Alegre em 1965.

Objetivava-se, naquele e nos demais encontros que viriam a seguir, o papel do Serviço Social neste novo desenho geopolítico que ampliava o poder do capital monopolista e dividia o globo em blocos distintos: o bloco imperialista norte-americano-europeu como credores e os países periféricos como pagadores de juros e explorados, condenados à subsunção capitalista global.

Em seguida, dá-se o I Seminário de Teorização do Serviço Social em Araxá, Minas Gerais, no ano de 1967. Na esteira do encontro de Araxá, segue-se o de Teresópolis, em 1970; em 1978 o III Seminário, no Centro de Estudos do Sumaré e o IV Seminário, no Alto da Boa Vista, em 1984. Todos promovidos pelo CBCISS (Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais) e que produziram importantes documentos, sendo, em sua sequência, a maturação das propostas apresentadas em Araxá.

Repensa-se e discute-se, nestes cruciais encontros, o desvelamento das causas e efeitos do agravamento da questão social e da reprodução das desigualdades sociais. Tem-se, assim, uma primeira aproximação crítica dos fatores socioeconômicos causadores das problemáticas sociais amparada em uma formação teórico-metodológica

mais sólida, que irá lidar com as mazelas da desigualdade social não mais de forma naturalizante ou culpabilizante, como era feito até então nos moldes tradicionais vocacionais - ainda que baseada na fenomenologia, isto é, tomando a realidade como coisa dada e pouco fazendo de interventivo para a mudança destas condições. Este foi o ciclo do Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina e que Netto denominará, não sem ironia, de “renovação conservadora”, referindo-se aos rebatimentos de tal movimento aqui no Brasil.

A chamada “intenção de ruptura” (NETTO, 1991), que ocorre dentro da Perspectiva Renovadora é finalmente alcançada nos primórdios da década de 1980, com o arrefecimento do golpe autocrático-econômico-militar pelo qual passou o país entre 1964-1985. E, muito embora o Serviço Social tenha atingido recordes de atuação e empregabilidade no contexto da ditadura, foi cerceada e limitada a sua ação no que toca, principalmente, às liberdades individuais e ao questionamento do *status quo* vigente à época. Já próximo ao fim deste nefasto período em 1985, com a retomada da democracia e das eleições diretas, pôde a categoria vislumbrar uma real mudança na sua formação e atuação. Abraçavam-se, assim, as teorias marxianas - antes censuradas- e explicitavam-se os conceitos da lei geral de acumulação do capital^{3 4}

A categoria rompe, assim, com o tradicionalismo do Serviço Social meramente operativo e, conquistada uma “massa crítica” de conhecimento teórico (NETTO,1991), inaugura um novo período de renovação em seus quadros acadêmicos e profissionais,

³ **Produção coletiva** - Nossa zona exige trabalho para a satisfação das necessidades e, por isso, é necessário que ao menos uma parte da sociedade trabalhe sem trégua. [...] Há alguns que não trabalham e, no entanto, têm à sua disposição os produtos do esforço. Mas isso tais proprietários têm a agradecer somente à civilização e à ordem; eles não passam de criaturas das instituições. Pois estas reconheceram que também é possível que nos apropriemos dos frutos do trabalho de outro modo que por meio do trabalho. Pessoas dotadas de fortuna independente [...] devem sua fortuna quase inteiramente ao trabalho de outrem, e não à sua própria habilidade, que de modo algum é superior à dos outros; o que distingue os ricos dos pobres não é a propriedade de terras e o dinheiro, mas o comando sobre o trabalho (the command of labour) [...]. (MARX,2011, p.839 apud F.M Eden em seu livro A Situação dos Pobres ou A História da Classe Trabalhadora na Inglaterra)

⁴ **Apropriação privada**- [...] o valor da força de trabalho, isto é, da parte da jornada de trabalho necessária para a reprodução ou conservação da força de trabalho, será suposto como uma grandeza constante, dada. Pressuposto isso, com a taxa é dada, ao mesmo tempo, a massa de mais-valor que o trabalhador individual fornece ao capitalista num determinado período de tempo. Se, por exemplo, o trabalho necessário é de 6 horas diárias, expressas numa quantidade de ouro de 3 xelins = 1 táler, então o táler é o valor diário de uma força de trabalho ou o valor do capital adiantado na compra de uma força de trabalho. Se, além disso, a taxa de mais-valor é de 100%, esse capital variável de 1 táler produz uma massa de mais-valor de 1 táler, ou o trabalhador fornece diariamente uma massa de mais-trabalho igual a 6 horas. (MARX, 2011, p.467)

trazendo ao debate a inadequação do Serviço Social tradicional para a resolução das demandas dentro da nova realidade geopolítica e econômica apresentada e vivida, principalmente, na América Latina.

O registro deste novo período está sintetizado no documento que ficará conhecido como Método BH, em referência à Escola de Belo Horizonte e, embora, tenha recebido críticas quanto à pouca profundidade dada à questão da divisão social do trabalho - o que Netto irá identificar como “um marxismo sem Marx” - foi e continua sendo um importante divisor de águas na profissão.

A promulgação da Constituição de 1988 coroou uma década de retomada de direitos sociais e civis perdidos com o golpe de 1964 e também, no seu bojo, o reconhecimento do Assistente Social como profissional liberal, em nível intelectual e de pesquisa. A construção desta nova autoimagem profissional irá se solidificar ainda mais com a construção, retomadas as liberdades políticas, do Projeto-Ético-Político do Serviço Social, cujo texto foi publicado por Netto em 1999 e que tem como objetivo principal o enfrentamento do conservadorismo na profissão. A construção deste projeto de profissão articulado a um projeto societário emancipatório irá se materializar no Código de Ética do/a Assistente Social, publicado pelo CFESS em 1993 (atualizando, retificando o anterior, de 1986) e promulgado na Lei 8.662/93.

As orientações e premissas do Código de Ética de 1993, vigente atualmente, dispõem de 11 princípios, sendo o primeiro o “Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais.” E os 10 demais princípios, um apaixonante compromisso com a defesa da democracia, da pluralidade, da justiça social e da veemente recusa ao arbítrio e a todas as formas de preconceito. Um verdadeiro libelo à emancipação dos indivíduos e das sociedades.

Voltando ao encontro casual com o parente distante no evento familiar, parece que conseguimos, de maneira bastante sintética, é verdade, conceder, por hora, uma resposta substancial sobre as origens, o desenvolvimento, as inflexões, os atuais desafios e o propósito do Serviço Social, suas implicações, responsabilidades e campos de atuação ao longo do século XX no Brasil.

2 O SERVIÇO SOCIAL, AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SEGURIDADE SOCIAL E A POPULAÇÃO IDOSA

Pelo que se tem notícia, as primeiras tratativas no sentido de promover algum tipo de seguridade social data de 1673, na França, e a princípio, contemplava apenas os membros da Marinha Real. Somente dois séculos depois os benefícios foram generalizados para todos os funcionários públicos daquele país.

Aqui no Brasil, registros mostram que em 1888 determinadas categorias, importantes ao organograma do Império, gozavam desta atenção, sendo as principais os Correios, a Imprensa Nacional, as Cias de Estradas de Ferro, a Casa da Moeda e a Alfândega.

Inicialmente administrados pelos próprios empregados, estes primeiros fundos de pensão só serão oficializados em 1923, com a Lei Eloy Chaves (que leva o nome do deputado que a propôs)⁵ e passam a ser conhecidas como as CAPs (Caixa de Aposentadoria e Pensão), organizadas por empresas, expandindo-se do sistema ferroviário para as demais categorias laborais, atingindo status de sistema unificado no governo Vargas com a criação dos IAPs tendo o Governo como regulador e conselho representado também por empregados e empregadores. Desta forma são também abarcados nas CAPs os trabalhadores do setor portuário, telegráfico, minerador e os servidores públicos.

Com a Constituição de 1934 (em plena era Vargas) é criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e, desta forma, as CAPs foram transformadas nos IAPs (Institutos de Aposentadorias e Pensões), centralizados, com controle pleno do Governo Federal e mantidos com o chamado custeio triplice da parte de empregados, empregadores e União. Apesar de atingir certo nível organizacional e promover grande arrecadação, os IAPs ainda não tinham a saúde do trabalhador como prioridade na destinação destes recursos e isto começa a mudar justamente a partir de 1934, produzindo um entendimento de que os conceitos de previdência e assistência deveriam

⁵ **Fonte:** <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/primeira-lei-da-previdencia-de-1923-permitia-aposentadoria-aos-50-anos>

ser tratados com igual importância, o que culminou na Constituição de 1946, quando foi instituída a Previdência Social.

Após um período de poucas mudanças, surge em 1960, a Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS), que irá uniformizar e ratificar os direitos estabelecidos nos IAPs, estendendo-os a todos os trabalhadores empregados nos grandes centros urbanos (sem incluir ainda em sua cobertura o trabalhador rural) e garantindo benefícios como auxílio-natalidade, auxílio -funeral e auxílio-reclusão, por exemplo.

Na esteira de garantia de direitos mais amplos aos demais segmentos sociais, finalmente em 1963, foi criado o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL) e, logo após, em 1966 foi instituído o Fundo de Garantia⁶ Por Tempo de Serviço, (FGTS). A sexta Constituição brasileira, de 1967 incluiu mais direitos trabalhistas na previdência social (seguridade só existirá com a sétima Constituição, de 1988), alguns dos quais já em vigência desde o governo Vargas, dentre eles a estipulação de um salário mínimo nacional, do salário família, da jornada de trabalho de oito horas, das férias remuneradas e, ainda, a proibição da diferenciação de remuneração por conta de sexo, cor ou estado civil, dentre outras medidas.

Vivia-se, lembramos, o período do golpe autocrático-burguês iniciado em 1964 e esta dualidade de coerção e concessões foi a maneira que o poder vigente seguiu a fim de lidar com o que entendia serem *ameaças* ao sistema, ou seja, a ideologia comunista que se antepunha ao capitalismo e a revolução cultural, ambos movimentos difíceis de serem contidos sem o uso da bala e do cassetete, quando não, do *suicídio induzido*.

Esta organização das políticas públicas de assistência e previdência perdurou e se fortaleceu até os anos 1980, garantindo assim, conforme visto anteriormente quando falávamos sobre o histórico do Serviço Social, grande empregabilidade da profissão na área da saúde e da previdência (como ainda hoje o é).

A Constituição de 1988, chamada de *Constituição Cidadã*, irá, por fim, unir previdência, assistência e saúde, criando o modelo vigente até os dias atuais. Desta forma, abandona o modelo contributivo na assistência e na saúde (marca do INAMPS

⁶ O Fundo de Garantia substituiu a estabilidade após dez anos de efetivo exercício. e criaram-se o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), hoje denominado INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e o INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social)

que vigorava desde 1977 e que obrigava o trabalhador não contribuinte a buscar atendimento ou nas redes privadas de saúde ou nas Santas Casas de Misericórdia).

Esta última Constituição Federal é marcante pois assinala uma maior preocupação na proteção social do trabalhador frente ao avanço neoliberal que se desenhava no cenário mundial e que já produzia seus efeitos na nossa economia e na nossa classe assalariada.

Não obstante, após sua promulgação, diversas emendas⁷ foram propostas e aprovadas, o que alguns autores chamam de *contrarreformas* da previdência, emendas estas que certamente fariam o Senador Ulisses Guimarães, o grande patrono deste histórico diploma legal, revirar-se nas profundezas do oceano que se tornou seu sepulcro após um acidente aéreo envolto em mistério.

Dentre as emendas mais perversas estão, por exemplo, a aprovada por Fernando Henrique Cardoso que substitui o tempo trabalhado por tempo de contribuição, um tiro nas costas do trabalhador informal, a fixação de tempo de contribuição mínimo de 35 anos para homens e 30 anos para mulheres como requisito para uma aposentadoria integral e a invenção de um complexo fator previdenciário que só mesmo economistas formados em Harvard são capazes de entender e talvez explicar. A trama de maldades segue com Lula instituindo cobrança de imposto previdenciário a pensionistas e inativos e a também confusa regra de pontos 85/95⁸ sancionada por Dilma Rousseff.

Segue-se o golpe institucional de 2016⁹ – e Michel Temer tenta a todo custo emplacar a mais radical reforma trabalhista e previdenciária, como bom aluno de Pierre Rosanvallon e do ideário neoliberal, algo que conseguiu apenas em parte, cabendo esta tarefa agora ao vetusto Bolsonaro e sua prole.

Mas voltando ao assunto que mais nos interessa para o desenvolvimento de nosso debate sobre a saúde e o bem estar do trabalhador idoso, temos, a partir de 1988 a

⁷ Até hoje foram 116 emendas à Constituição. Só em 2006 foi incluído o direito à habitação. O direito à alimentação foi mais tardio, em 2010

⁸ O trabalhador pode se aposentar recebendo integralmente se a soma de sua idade mais o tempo de contribuição para o INSS alcançar o número 85 para mulheres, e 95, para homens. Fonte: Agência Senado - <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/fator-8595#:~:text=O%20trabalhador%20pode%20se%20aposentar,dos%20dois%20valores%20d%C3%A1%2085>.

⁹ **Fonte:** <https://www.brasilefato.com.br/2019/04/17/o-golpe-de-2016-a-porta-para-o-desastre-por-dilma-rousseff>

criação do SUS (Sistema Único de Saúde) com as Leis 8.080/90 e a 8.142/90 e a LOAS (Lei Orgânica de Assistência Social), que personificam os princípios doutrinários e organizativos na saúde com seus Conselhos e Conferências, garantindo (ou ao menos preconizando) a participação da comunidade no Conselho Nacional de Saúde.

Na esteira destes avanços e promulgada por Itamar Franco, em 1994 a PNI (Política Nacional do Idoso), a Lei 8.842, diploma legal ao qual reportaremos com maior insistência para a nossa argumentação daqui por diante.

Chegamos ao ano de 2003 e a Lei 10.741 - o Estatuto do Idoso.

Composto de 118 artigos, reitera direitos comuns a todas as faixas etárias, porém cria e dá provisões a políticas públicas específicas para a parcela da população com 60 anos ou mais. Reafirma o direito à vida, à liberdade, à dignidade, ao alimento, à educação, ao esporte, ao lazer e à saúde e cria novas políticas e programas de atendimento ao idoso, tais como os serviços especiais de prevenção e atendimento às vítimas de negligência, a proteção socio jurídica por entidades de defesa próprias ao direito do idoso - inclusive com o agravo de penas nos casos comprovados de crime contra a pessoa idosa- dentre outras ações que visam o cuidado, a proteção e a manutenção de um processo de envelhecimento o mais saudável e inclusivo possível.

Importante conquista histórica, o Estatuto do Idoso irá ampliar enormemente a atuação do Serviço Social junto a população idosa, por razões óbvias, já que falamos de uma profissão que prima pela ética e pela defesa de direitos humanos.

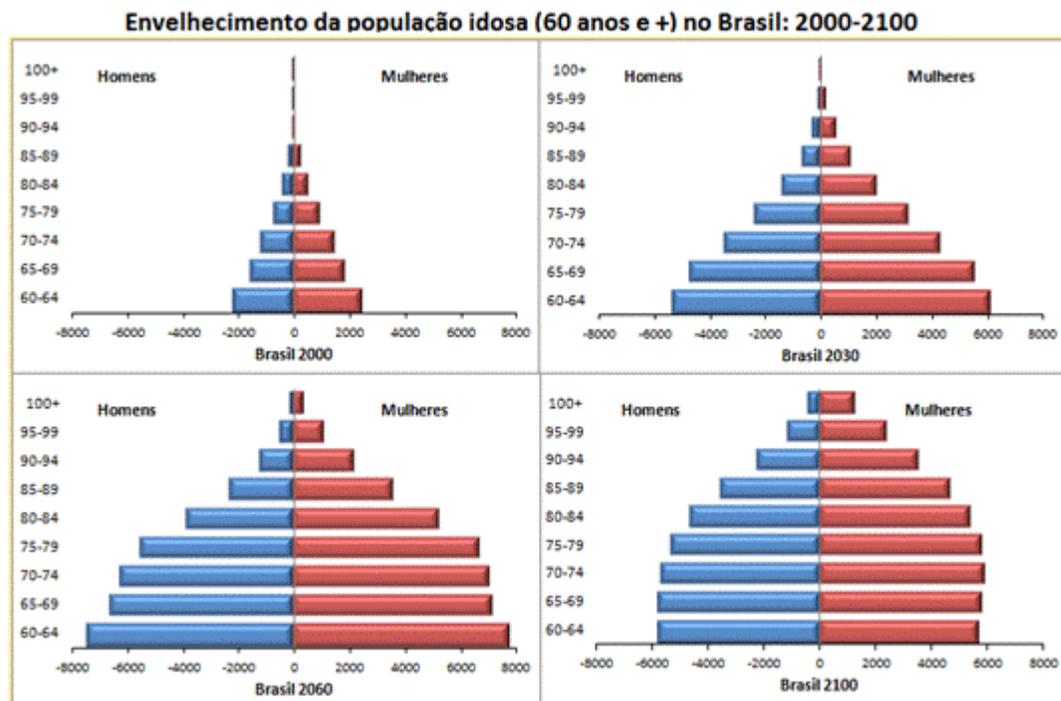
A temática do envelhecimento e da velhice vem se adensando em igual proporção ao exponencial crescimento desta faixa etária em todo o mundo.

Segundo projeções da OMS¹⁰ (Organização Mundial da Saúde), o mundo terá, no ano 2050, 2 bilhões de idosos. A Organização lança um alerta no sentido de que “envelhecer bem” deve ser uma prioridade global, de governos e sociedades, apontando que a prevenção e o tratamento de doenças crônicas advindas do processo de envelhecimento, além da busca do bem-estar na idade avançada, se apresentam como novos desafios da saúde pública na atualidade e para o futuro. E o dado que mais

¹⁰ **Fonte:** <https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global/>

preocupa é que 80% dessa população estará concentrada em países de média e baixa renda.

Gráfico 1- Envelhecimento da População idosa.



Fonte: World Population Prospects: The 2012 Revision, <http://esa.un.org/unpd/wpp/index.htm>

No ranking do envelhecimento saudável o Brasil não vai bem. De 80 países analisados, ocupamos a 56ª posição. Segurança e dificuldades nos transportes públicos são as maiores dificuldades encontradas, muito distantes de países como a Holanda, por exemplo, tido como um dos melhores lugares para se envelhecer *bem*, já que apostaram na regionalização da atenção básica, na prevenção e na inovação¹¹.

A imprescindível atuação e a instrumentalidade do Serviço Social junto ao público usuário idoso -seja em nível governamental, seja em nível privado - pavimenta, pois, o

¹¹ **Fonte:** <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/528194-ENVELHECIMENTO-HOLANDA,-O-MELHOR-PAIS-DO-MUNDO-PARA-OS-IDOSOS-BLOCO-4.html>

debate que se propõe aqui. Porém não o esgota, como pretendemos mostrar mais a frente.

Antes, vale destacar o compromisso ético-político das(os) Assistentes Sociais com a qualidade dos serviços prestados à população usuária, compromisso pautado no arcabouço teórico-metodológico, técnico-operativo e ético-político adquirido em décadas de desenvolvimento da profissão e nos preceitos de universalidade, equidade e integridade, fundamentos do SUS. Desta forma, espera-se que uma atuação comprometida com a ética profissional e com a qualidade dos serviços oferecidos à população seja permeada pela intersectorialidade, com vistas à melhor articulação possível entre as áreas da saúde propriamente dita, da assistência social, da educação, da habitação, do trabalho e previdência social, da justiça, da cultura, dos esportes e do lazer. É o que nos mostra o breve, porém preciso, estudo de Grazziele Stringueta e outros (STRINGUETTA *et al.*, 2010, p.10)¹² acerca desta demanda e deste comprometimento ético do Serviço Social junto ao idoso, sob o olhar crítico que se contrapõe à ótica do capital.

¹² O compromisso ético político do serviço social e o idoso. Stringueta et al. ETIC - **Encontro de Iniciação Científica**, v.6, n. 6. 2010. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/2284/1877>

3 PARA ALÉM DA LONGEVIDADE: UM DEBATE SOBRE DIFERENTES VELHOS E VELHICES

Em seu artigo para a revista Poli, **Um país mais velho: O Brasil está preparado?** (POLI, ANO XIV, N° 81, p.28), a autora, Cátia Guimarães, nos confronta com duras revelações sobre a verdadeira face do envelhecimento no Brasil de hoje. Apresentando dados e estatísticas, nos lembra que o país está entre os que mais rapidamente envelhecem, proporcionalmente. Isto não representaria problema não fosse a enorme desigualdade socioeconômica e territorial vivida por essa crescente fatia da população de 60 anos ou mais.

O artigo faz referência a autoras e autores que se dedicam ao tema para mostrar um quadro preocupante, cheio de contradições e pontos cegos nas atuais políticas públicas que tratam do bem-estar da população idosa.

Envelhece-se mais rápido e com muito menor qualidade de vida onde não há acesso ao estudo e à informação. O conhecimento, fundamental para a promoção do autocuidado e de um processo de envelhecimento saudável, não está acessível a todas as camadas da população. As regiões periféricas, uma vez mais, são as mais atingidas. Como falar sobre autocuidado, boa nutrição e higiene em territórios onde nem mesmo há água encanada? Como falar de atividade física para um trabalhador idoso depois de uma extenuante jornada de trabalho?

Somos um país que envelhece de maneira desigual. Apenas para os poucos que dispõem de recursos, de planos de saúde (e esta é uma outra faceta da cooptação capitalista) e que podem dar-se ao luxo de ter uma cuidadora, seja contratada ou eleita dentro da própria família - geralmente mulheres solteiras que devotam sua vida a cuidar de outrem em detrimento de si mesmas- numa espécie de tradição que remonta às famílias burguesas e seus privilégios, resultante das relações patriarcais de gênero.

O artigo denuncia um futuro sombrio para quem está envelhecendo hoje no país. Diferente da última geração que ainda pode contar com uma aposentadoria mesmo que modesta, as gerações futuras de idosos ainda terão pela frente o desmonte da previdência e da seguridade, nos termos das políticas neoliberais abraçadas nos últimos governos.

A pandemia de Covid-19, denuncia o artigo, veio escancarar uma realidade que já estava em curso: a invisibilidade e a descartabilidade do idoso no contexto capitalista. Ouvimos, estarecidos, declarações de altos escalões do Governo, referindo-se à população idosa nos seguintes termos:

[...] Pelo que parece, não tenho certeza, pela última informação que eu tive, que está faltando confirmação. Agora a Itália é uma cidade... é um país parecido com o bairro de Copacabana, onde cada apartamento tem um velhinho ou um casal de velhinhos. Então são muito mais sensíveis, morre mais gente — declarou o presidente.
(Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-compara-italia-copacabana-coronavirus-gravidez-vai-passar-1-24311233>)

A pandemia trouxe, para um grande contingente de trabalhadores e aposentados, contribuintes, o medo, a insegurança e o recrudescimento do preconceito geracional, condenando muitos/as idosos/as (e novamente, aqueles com menos recursos) a permanecerem isolados em suas casas, sem os cuidados dos familiares e amigos próximos, "porque a economia não pode parar", enfrentando o abandono, a solidão, a ausência de atividade física e de convívio social e a falta de exposição ao sol - itens fundamentais sem os quais não pode haver um envelhecimento saudável ou mesmo digno.

A questão da desigualdade no envelhecer, conclui o artigo, carece, urgente, de um novo olhar, uma nova abordagem. As categorias profissionais da saúde, médicos, terapeutas, nutricionistas, dentre outras, incluindo os assistentes sociais precisam repensar sua atuação. Estivemos até bem pouco tempo preocupados com a atenção materno-infantil. E isto é claro deve continuar sempre. Muitas são as causas do envelhecimento da população de maneira global, como o advento dos métodos contraceptivos e a conseqüente liberdade conquistada pelas mulheres em espaços sócio ocupacionais -para além dos cuidados com o lar- e o custo de vida inflacionado, por exemplo. É preciso olhar com mais atenção para os que envelhecem e envelhecerão daqui para diante, em cada vez maior número.

Na recente e atualizada compilação de textos sobre as relações entre Serviço Social e envelhecimento no formato de livro, organizada pela Prof.^a Dr^a Solange Maria Teixeira, da Universidade Federal do Piauí, encontraremos farto material para alimentar

o nosso debate acerca do crescente desafio que é garantir o envelhecimento digno e inclusivo para a crescente população idosa no mundo, face às investidas neoliberais¹³ do capitalismo monopolista plutocrático e as transformações culturais e de consumo provocadas neste modo estranhado de *viver e ver* as vidas nos dias atuais.

Intitulado **Serviço Social e Envelhecimento** (EDUFPI-2020), o livro, disponível gratuitamente em formato PDF, é dividido em 4 partes e em pouco mais de uma dezena de subtítulos. A obra tem grande abrangência nas diversas áreas que constituem o campo de atuação do Assistente Social em relação à população idosa, aspectos como proteção social, conselhos de direitos, saúde mental, programas educacionais, preparação para aposentadoria, violência intrafamiliar, impactos da Covid 19 na vida do idoso, dentre outros. Devido ao recorte específico que pretendemos desenvolver nesta monografia, nos ateremos aos subtítulos: **O Trabalho do Assistente Social com Pessoas Idosas - competências e demandas em debate** (p.47), **O Serviço Social e A Gerontologia Social - elementos para pensar a pesquisa e a instrumentalidade** (p.74) e **Serviço Social Gerontológico- complexidades e desafios** (p.349).

Nas palavras de Mabel Torres:

[...] velhice no Brasil se mostra a partir de uma teia de complexas necessidades humanas que decorrem da sociabilidade do capitalismo e se revelam na relação desigual e hierárquica entre as classes sociais. Essa relação se traduz na subordinação dos trabalhadores aos interesses econômicos e políticos do capital; na concentração de renda vinculada majoritariamente entre aqueles que operam o capital financeiro e na flagrante e abissal desigualdade social que se mostra como uma marca da sociedade classista brasileira. (TORRES, 2020, p.47).

Evidente que nós, futuros Assistentes Sociais, jamais poderíamos tratar a velhice como um *problema* pois, caso viéssemos a fazê-lo, estaríamos violando os princípios do nosso Código de Ética e mesmo jogando por terra toda a argumentação construída até aqui. Não podemos agir como um certo Ministro da Economia, ex-banqueiro e dono de

¹³ A crise global da sociedade contemporânea, que marca peculiarmente as três últimas décadas deste século, revela-se – plena, embora não exclusivamente – na crise do Estado de bem-estar e na crise do chamado socialismo real, as duas conformações societárias que, cada uma a seu modo, procuram soluções para os antagonismos (e suas consequências) próprios à ordem do capital. Nestas duas crises, elas mesmas muito distintas, a crise global mostra a sua dramaticidade, que se expressa como possibilidade de regressão social - de que o denominado neoliberalismo é paradigmático.(NETTO, 1995, p.66)

contas em paraísos fiscais, que declara abertamente que “o problema agora é que todo mundo quer viver cem anos”,¹⁴ para justificar suas incompetências administrativas e total falta de conhecimento dos aspectos humanos com os quais deveria saber ou aprender a lidar com um pouco mais de respeito. Este tipo de fala desastrosa é também prática recorrente dos que desejam alimentar a falácia de que a Previdência vai *quebrar* porque não teremos jovens ativos suficientes para custear as aposentadorias dos mais velhos, quando na verdade pesquisadores sérios comprovam que há *superávit* na Previdência e que o discurso do *vai quebrar* tenta escamotear a verdadeira e criminosa destinação dos recursos pagos com o suor do trabalhador: pagamento de juros da dívida externa em detrimento de necessários e urgentes investimentos em nossa infraestrutura¹⁵. A covardia deste pensamento curto e mentiroso sobre um alegado *déficit* previdenciário - e que, infelizmente, se propaga em meio ao senso comum da sociedade - que carece, como dizia Antonio Gramsci, de um *bom senso*¹⁶, irá prestar um enorme desserviço a esta crescente parcela idosa da população, engrossando ainda mais o *rol* de preconceitos e discriminação sofridos por uma gente já tão explorada ao longo de suas vidas. E é sobre este perverso somatório de ideias preconcebidas e teorias tendenciosas e propositadamente fabricadas que resultam os posicionamentos etaristas - cerne deste nosso debate- aos quais nos ateremos mais adiante. Por ora, melhor será, portanto, para a manutenção dos preceitos éticos de nossa profissão e da dignidade do público alvo aqui abordado, encararmos a questão do envelhecimento dentro do capitalismo neoliberal como um *desafio* e não como um *problema*. Do contrário, estaremos, na melhor hipótese, fazendo vergonhoso coro com as declarações do infame Ministro da Economia e de seus mandatários.

Do artigo para a Revista de **Ciências Humanas (v. 18, n. 2, jul./dez. 2018)** podemos extrair importantes reflexões acerca da construção e do surgimento dos termos “velhice” e “envelhecimento”, da antiguidade aos dias atuais. Segundo as autoras

¹⁴ <https://economia.ig.com.br/2021-04-27/paulo-guedes-aumento-expectativa-de-vida.html>

¹⁵ Cito o Projeto de Pesquisa da prof.^a Giselle Souza, da nossa UNIRIO, que deu origem a importante artigo sobre este tema).

¹⁶ Lembramos aqui a distinção que o filósofo italiano faz entre bom senso – resultado de uma análise crítica da realidade- e o senso comum, que seria “uma visão de mundo difundida nas classes subalternas de forma desordenada e assistemática. Dois elementos que o compõem (o senso comum): Religião e Folclore. Estes se constituem numa visão ocasional e incoerente, resultado da herança histórica cultural desagregada e popularizada. (Mari; Grade, 2015)

“utilizou-se uma revisão bibliográfica em publicações, teses, dissertações e artigos, com datas de 1959 a 2017.”

A pesquisa mostra que: “não existe um consenso, nem na definição do limite inicial da velhice, nem na compreensão dos conceitos, apresentando-se em muitas vezes contraditórios.” (DARDENGO; MAFRA, 2018, p.1).

Falando de estatísticas em relação ao Brasil, elas dizem que:

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE (2010), atualmente no Brasil há mais de 26 milhões de pessoas idosas - cerca de 13,7% da população total, com idade acima de 60 anos. Conforme estimativas, os idosos farão parte de um grupo maior que o de crianças com até 14 anos, em 2030. E, em 2055, estima-se que o número de idosos será maior que o de crianças e jovens com até 29 anos. Observa-se que, em 2025, serão 64 milhões de velhos e, em 2050, um em cada três brasileiros será idoso, representando aproximadamente 29,7% da população. Esta nova configuração demográfica promoveu um novo olhar sobre o envelhecimento e a velhice, modificando as relações deste estrato populacional. (DARDENGO; MAFRA, 2018, p.3)

Durante séculos, afirmam as autoras, a velhice foi associada à inatividade, à quietude e também à pobreza. Isto só começará a mudar na década de 1960, quando novas imagens serão adicionadas a este conceito, quais sejam, o de manutenção da saúde, da atividade, da satisfação pessoal e do acúmulo de experiências vividas. Tem-se deste então, um conceito mais ambivalente acerca do envelhecimento, que inclui perdas, mas também ganhos. E pode-se observar também a velhice sob pelo menos duas perspectivas: a da degenerescência biológica natural do organismo - o que leva à uma demanda da medicina por retardar e minimizar os efeitos deste avanço do tempo sobre os corpos - e a perspectiva social (foco maior de nossa atenção aqui) que inclui a inatividade compulsória provocada pela rotatividade da mão de obra no mercado de trabalho, segregando e homogeneizando uma cada vez mais ampla faixa da população como descartáveis.

Porém, não foi assim sempre. Dardengo e Mafra apontam Simone de Beauvoir e sua obra **A Velhice** (1990), onde ela remete às civilizações antigas para mostrar que, por exemplo, na China e no Japão, a velhice possuía uma aura quase sobrenatural e o idoso era associado à ideia de reverência e honra. Nestas e em outras culturas buscava-se a

longevidade como um prêmio atingido somente pelos mais sábios. Citando Aristóteles, Beauvoir ressalta que:

É preciso que o corpo permaneça intacto para que a velhice seja feliz: uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiências. Ela depende ao mesmo tempo das vantagens corporais que se poderia ter, e também do acaso. O declínio do corpo acarreta o do indivíduo inteiro". (BEAUVOIR, 1990, p. 136)

Percebe-se aqui, claramente, que já havia uma distinção entre diferentes modos envelhecer e diferentes velhos.

Veremos ainda no artigo que o período Renascentista, por volta do século XVI, irá produzir os primeiros trabalhos científicos sobre o envelhecimento. Francis Bacon e René Descartes, por exemplo, acreditavam que o progresso científico iria propiciar o retardo do envelhecimento do corpo e que um espírito jovem inserido em um corpo velho iria reverter a marcha da natureza, rejuvenescendo o indivíduo.

E será, novamente, a Revolução Industrial que irá moldar e unificar o pensamento também sobre este tema, fazendo com que a sociedade médica encare o organismo humano também como uma máquina, sujeita a desgastes e passível de substituição e ajuste de *peças*, muito embora a ambivalência no conceito de velhice - ora como momento de senescência, ora como etapa de sabedoria e equilíbrio - permaneça presente até os dias atuais.

A evolução da medicina e a criação das aposentadorias impulsionou grandemente a visibilidade da velhice, observam Dardengo e Mafra (2018), fazendo surgir na virada do século XIX para o XX esta nova divisão etária, que não era bem nítida até então. Elas citam Philippe Ariès, que:

[...] identificou, a partir de sua publicação sobre a "História Social da Criança e da Família", o surgimento da categoria "infância". Esse trabalho é considerado um marco no campo dos estudos sobre o envelhecimento, visto ser um dos mais difundidos exemplos de estudo histórico sobre a construção social de uma etapa da vida. Segundo Ariès (1981), a identificação da infância como período separado da idade adulta, deriva de transformações na família, e sedimenta o conceito de velhice como categoria social. A velhice foi caracterizada a partir da segunda metade do século XIX como uma etapa da vida assinalada pela decadência e pela ausência de papéis sociais (DEBERT, 1999).

O envelhecimento foi inicialmente observado através de estudos biológicos e fisiológicos, sendo associado à deterioração do corpo. Conforme Uchôa et al. (2002), apenas na contemporaneidade esse olhar sobre a velhice como um fato biológico perde força e a velhice e o envelhecimento passaram a constituir objetos de estudo da antropologia.”
(DARDENGO; MAFRA, 2018, p.9)

Esta segmentação da vida em etapas, em fases com diferentes validações, irá prestar um desserviço aos sujeitos envelhecidos, principalmente quando estes não desfrutam de um status que lhes garantam reconhecimento e amparo social ou, pior, não tenham condições de proverem seu próprio sustento neste período de suas existências, configurando o que passa a ser visto como a *velhice trágica*, em contraste com o desfrute de uma *boa velhice*.

Sintetizando o conceito de velhice, nas palavras de Dardengo e Mafra:

A palavra velhice é carregada de significados como inquietude, fragilidade, angústia, ou seja, é rodeada de concepções falsas, temores, crenças e mitos. A imagem que se tem da velhice, através de fontes históricas, varia de cultura em cultura, de tempo em tempo e de lugar em lugar. Esta imagem reafirma que não existe uma concepção única ou definitiva da velhice, mas sim concepções incertas, opostas e variadas através da história.”
(DARDENGO; MAFRA, 2018, p.10)

As autoras avançam em seguida para a conceituação do envelhecimento que, embora se assemelhe ao termo velhice na raiz da palavra, não tem o mesmo peso segregador, pois afinal, ao menos hipoteticamente, todo organismo começa a envelhecer desde o momento de sua concepção. Sendo assim, a velhice é um *estado* e o envelhecimento é um *processo*. E as perdas e ganhos deste processo dependem, conforme o estudo, de fatores biopsicossociais/ biopsicossocioculturais. Para tanto, o artigo apresenta uma muito interessante e comprobatória tabela de autores, em sucessão cronológica, de 1959 a 2008, numa espécie de estratificação onde se percebe a evolução e a transformação acerca da percepção do envelhecimento no período abordado. Citamos aqui alguns:

TABELA 1 - Autores, em sucessão cronológica, de 1959 a 2008.

Autores	Ano:	Citações
WOLTEREK	1959	[...] todas as transformações que ocorrem em todos os organismos no curso do seu desenvolvimento normal e nas diferentes formas de atividades que o acompanham. [...] o termo envelhecimento abrange toda a vida, desde o nascimento até a morte, e é usado para descrever uma sequência cronológica ou um período definido de tempo (WOLTERECK, 1959, p. 05).
BOBBIO	1996	O envelhecimento é um fenômeno natural, complexo, pluridimensional, revestido por perdas e aquisições individuais e coletivas. A velhice, última etapa desse processo, não é uma cisão em relação à vida precedente, mas uma continuação da juventude, da maturidade que podem ter sido vividas de diversas maneiras (BOBBIO 1996, p. 25).
SALGADO	2007	O envelhecimento é “um processo multidimensional que resulta da interação de fatores biológicos, psico-emocionais e socioculturais. Executando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui aos seus idosos. O envelhecimento também pode ser uma consequência da nossa sociedade, e que, além dos fatores biológico, cronológico e psicológico, o meio e as condições em que se vive influenciam no processo de envelhecimento e na forma com que se chega à velhice. Assim, o processo de envelhecimento é influenciado também pela sociedade e pelo indivíduo (SALGADO, 2007, p. 68).

O painel original apresentado por Dardengo e Mafra conta com mais 19 citações de diferentes autores em diferentes momentos. Parece ter sido, sem dúvida, decisivo instrumento para as considerações finais do artigo, onde permite-se afirmar que o

“envelhecimento” é um processo natural e biológico ao qual estamos todos submetidos, mas que o conceito de “velhice”, este sim, é uma *invenção social*.

Um texto não científico e muito bem-humorado serve aqui para ilustrar o quanto essa construção social da imagem do “velho” divide opiniões. Trata-se de uma publicação para a Revista Época (2014), da jornalista e escritora Eliane Brum¹⁷

Na divertida e reflexiva prosa a autora brinca e subverte o uso das palavras “idoso” e “velho”, corroborando o que os pesquisadores, gerontólogos, sociólogos e antropólogos vêm tentando nos mostrar.

Nas palavras de Eliane Brum:

Chamar de idoso aquele que viveu mais é arrancar seus dentes na linguagem. Velho é uma palavra com caninos afiados. Idoso é uma palavra banguela. Velho é letra forte. Idoso é fisicamente débil, palavra que diz de um corpo, não de um espírito. Idoso fala de uma condição efêmera. Velho reivindica memória acumulada. Idoso pode ser apenas “ido” aquele que já foi. Velho é - e está. [...] Basta evocar a literatura para perceber a diferença. Alguém leria um livro chamado “O idoso e o mar?” Não. Como idoso o pescador não lutaria com aquele peixe.”

E aqui nos permitimos pegar carona no talento da autora e acrescentar: o que diria o músico e compositor Zé Ramalho se uma das suas mais memoráveis canções, Avohay¹⁸ - criada em memória de seu avô Raimundo - iniciasse com “Um idoso cruza a soleira, de botas longas, de barbas longas, de ouro o brilho do seu colar”?

Continua Eliane:

Envelhecer o espírito é engrandecê-lo, alargá-lo com experiências, apalpar o tamanho cada vez maior do que não sabemos na juventude. Como disse Oscar Wilde “não sou jovem o suficiente para saber tudo”. Na velhice havemos de ser ignorantes, fascinados pelas dimensões cada vez mais superlativas do que desconhecemos e queremos buscar.

E conclui, com maestria, ao abordar a inevitável questão da finitude da vida, quiçá o maior de nossos medos, excetuando talvez o medo da dor descontrolada e da invalidez permanente.

¹⁷ Com o título: Me chamem de velha - a velhice está sofrendo uma plástica (<https://www.geledes.org.br/chamem-de-velha-por-eliane-brum>. acessado em 05/03/2022).

¹⁸ Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=wWo4kFYK7-o>

Quando chegar a minha hora por favor me chamem de velha. Me sentirei honrada com o reconhecimento da minha força. Sei que estou envelhecendo, testemunho essa passagem no meu corpo. Para o Futuro espero contar com o espírito cada vez mais velho para ter a coragem de encerrar minha travessia com a graça de um espanto.

3.1 O Serviço Social no Campo da Gerontologia Social

Discutir velhices humanas significa apreender diferentes e desiguais processos de vida, considerando que a inserção de indivíduos e populações numa estrutura de classes condicionará seus processos de envelhecimento e velhice. Cabe, por exemplo, indagar: desde quando e como envelhecem pessoas da mesma geração, trabalhadores e trabalhadoras, no campo e na cidade? Desse modo, chegamos à constatação de que a longevidade não é um direito exercido por todas as populações em escala mundial. Assim nos dizem as lutas sociais pela proteção à velhice. Há determinações sociais que incidem nas velhices humanas, reivindicando o desvelar da questão de gênero, do racismo estrutural, da homofobia, do ageismo, das etnias indígenas, das populações remanescentes dos quilombos, das populações em situação de rua, entre muitas outras.” (PAIVA; SOARES; SANTOS, 2018, p.76)

Segundo registros históricos¹⁹, o termo “gerontologia” foi introduzido pelo médico imunologista Élie Metchnikoff, em 1903, a partir do grego, em que "gero" significa velho e "logia", estudo. Parece ter sido criado para suprir a deficiente abrangência de outros fatores determinantes no envelhecimento na abordagem médico-científica que era prática da geriatria até então, incorporando novas disciplinas para além da biologia; tais como a psicologia e a sociologia. Embora o termo seja relativamente novo, paradoxalmente, responde a um ancestral clamor por longevidade e saúde no processo do envelhecer²⁰. Dada a condição apresentada nos termos do modo capitalista de produção, a gerontologia social comporta, nas palavras de Paiva; Soares e Santos:

[...] interfaces com áreas profissionais, ‘das quais derivam soluções para problemas individuais e sociais, novas tecnologias, evidências e hipóteses para a pesquisa’. Entre outras, podemos destacar: a clínica médica, a geriatria, a fisioterapia, o direito e o Serviço Social. (2018, p.84)

¹⁹ PERSPECTIVAS DAS PESQUISAS EM GERONTOLOGIA E GERIATRIA: REVISÃO DA LITERATURA1- <https://www.scielo.br/j/rlae/a/cSFQc4WPx77ydMLs9gXCnMG/?lang=pt>

²⁰ **Fonte:** Revista Latino Americana de Enfermagem, <https://www.scielo.br/j/rlae/a/cSFQc4WPx77ydMLs9gXCnMG/?lang=pt>, acessado em 06/03/2022).

As autoras atentam, porém, para a forte e ainda presente tendência já assinalada por Simone de Beauvoir em **A Velhice** (1990): a influência e a dominância do positivismo nos pressupostos da Gerontologia tradicional. Não se tratando desta forma em explicar *porque* os fenômenos ocorrem, quais suas causas, mas, sim, limitar-se à uma descrição detalhada, o mais cientificamente possível, de suas manifestações, o que nos leva inevitavelmente e novamente à fenomenologia, corrente marcante dentro do Serviço Social de outrora e que tanto retardou o avanço da profissão em termos de posicionamento crítico. (PAIVA; SOARES; SANTOS, 2018, p.85).

As autoras embasam este debate introduzindo a obra **A Ideologia da Velhice**, (Cortez Editora, 1986) da prof.^a Eneida Haddad. Em seu livro²¹ a antropóloga e socióloga faz duras críticas à maneira como o SESC (Serviço Social do Comércio) conduz sua política de atendimento aos idosos, ou seja, uma atuação acrítica e descolada da realidade:

A partir dos resultados desse estudo, Haddad (1986) fez uma crítica à forma como a velhice é definida por aquelas/es que produzem conhecimento científico; a forma como o Estado se apropria desse conhecimento e oferece assistência à velhice; e ao modo como tudo isso servia, na época, de embasamento teórico-metodológico para o Serviço Social do SESC desenvolver seus programas voltados ao referido segmento etário. Chega à conclusão de que tanto a Geriatria quanto a Gerontologia “[...] apresentam um discurso não histórico a respeito da problemática da velhice na sociedade de classes brasileira” (Haddad, 1986, p. 49). E critica a proposta da educação permanente do SESC, com a seguinte avaliação: “reflete um imaginário endoidecido pela crença cientificista na solução do ‘problema da velhice’ a partir do homem. Por encobrir as condições reais de vida do velho da classe trabalhadora, acaba, numa ânsia louca, por responsabilizar o idoso pela tragédia em que se vê mergulhado” (Haddad, 1986, p. 93 *apud* PAIVA; SOARES; SANTOS, 2018, p.86)

Uma breve amostra deste posicionamento positivista e acrítico ao qual Haddad se refere pode ser conferido, por exemplo, na publicação **Velhice, uma nova questão social, da qual extraímos** duas citações que deixam claras a culpabilização do indivíduo e a não observância da questão social como fator constituinte do envelhecimento:

²¹**Fonte:** tivemos acesso à apenas um resumo on-line de sua 2ª edição, disponível no link:<https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpd&asin=B076JLPD6P&tag=ler-livros-20&amazonDeviceType=A2CLFWBIMVSE9N&from=Bookcard&preview=newtab&reshareId=PBP0DBQ982VDC5MCB3S7&reshareChannel=system>

Uma pesquisa realizada pelo Sesc de São Paulo junto a sua clientela idosa que apresentava, nas atitudes, vestígios de uma *inadaptação*, revelou que a grande maioria dos problemas de *desajustamento* na velhice são o resultado de incidentes ocorridos em etapas anteriores da vida [...] (grifo meu), (p.41)

3.2 O Serviço Social e sua colaboração para uma Gerontologia Social crítica

“Ao modo capitalista de produção corresponde o modo capitalista de pensar”
(HADDAD, 1986, p. 48)

A presente monografia pretende, trilhado até aqui o caminho necessário para uma almejada síntese, conclamar e fomentar, segundo os princípios e diretrizes do Código de Ética do Assistente Social, do projeto ético-político profissional e das dimensões da atuação do Serviço Social (i.e.: teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política) uma visão mais crítica e abrangente da questão do envelhecimento e as demandas dessa crescente população. Para além dos números e das estatísticas, para além da mera operacionalidade que homogeneiza indivíduos e que não enxerga e não ouve as subjetividades das histórias vividas.

Revela-se então a verdadeira motivação deste trabalho:

[...] uma aproximação maior e mais efetiva do Serviço Social com a Gerontologia Social Crítica que dê "visibilidade às desigualdades sociais que permeiam os processos de envelhecimento e velhices das nossas populações, enfrentando o apelo ideológico à homogeneização, mecanismo este operado pela ideologia da velhice. (HADDAD, 1986)

Pretende-se assim, amparados pelos autores aqui referenciados, apontar para a necessária atitude a ser assumida por profissionais, estudantes e docentes do Serviço Social em relação ao público idoso e que é ainda hoje, permeada pelo conservadorismo institucional, característica do expediente subserviente ao capital.

Para tanto, faz-se necessário o aprofundamento no estudo da totalidade que compõe o estudo social do envelhecimento da população nos dias atuais, nos níveis da atuação, do ensino e da pesquisa. Sobre este desejo imanente ao desvelamento da

questão social em suas multifacetadas expressões - que deve ser condição própria do Assistente Social – Paiva; Soares e Santos têm algo importante a nos dizer:

Ancoradas no pensamento de Celso Frederico (1997, p. 181), entendemos que ‘falar em totalidade é falar também na razão apaixonada e o seu empenho de conhecer até o fim os fenômenos sociais’. Para além de conhecer, tendo em vista ser o conhecimento uma mediação necessária no enfrentamento à racionalidade instrumental, acreditamos que um pensamento que pretende ir até o fim é aquele que quer superar-se enquanto puro pensamento e reivindicar a urgência da emancipação humana. (p.181).

Seguindo a linha que conduz o debate aqui proposto, atentamos para a instrumentalidade do Serviço Social, nos aspectos relacionados à formação, pesquisa e produção de conhecimento para a colaboração na construção de uma Gerontologia Social Crítica, nos parâmetros de nosso Projeto Ético-Político que considera a totalidade do ser e a historicidade ontológica das relações sociais, do trabalho e da exploração capitalista e seus desdobramentos.

Amparados na Teoria Social Crítica, nós, futuros Assistentes Sociais prestes a entrar no mercado de trabalho, não podemos virar as costas ao chamamento para este campo sócio ocupacional tão importante e cada vez maior, intensificado pela ameaça da Covid-19, cujo dano social necessitará do enfrentamento e da intersectorialidade das diversas áreas da saúde para amenizar os impactos produzidos.

Em **Serviço Social e Envelhecimento** (2018, p.87), Paiva; Soares e Santos alertam para a carência na produção da pesquisa em Serviço Social voltada para esta área. As autoras identificam que muito embora os arquivos pesquisados mostrem estudos relacionados à velhice e/ou envelhecimento, estes são na sua maioria voltados muito mais aos aspectos epidemiológicos do objeto estudado do que para uma visão crítica que correlacione tais aspectos à teoria dialética marxista.

Para compor a pesquisa no campo empírico, foram consultados 3.328 arquivos nos anais dos ENPESS (de 2000 a 2010). Após todos os processos de busca e lapidação desse banco de dados, versando sobre “velhice, saúde e trabalho”, fundamentados na concepção teórico-metodológica dialética, foram encontrados apenas cinco artigos. Quatro trazem a questão social como um de seus enfoques privilegiados. Abordam o tema da “violência contra a pessoa idosa” como expressão da questão social. Desses estudos, um foi produzido no estado do Amazonas, um no Espírito Santo, dois no Piauí e o outro não informou o estado de origem. Com relação ao ano, dos cinco escritos, quatro foram publicados em

2010, ou seja, na última edição do ENPESS da primeira década deste século, e apenas um foi publicado no ano de 2008. p.88)

A referida pesquisa aponta, portanto, a grande carência na pesquisa e formação, no Serviço Social, de uma abordagem ontológica sobre a questão do envelhecimento, que articule a dimensão interventiva e a dimensão investigativa no aprendizado e no exercício da profissão, que entenda “a velhice humana na perspectiva da totalidade social, levando em consideração a centralidade do trabalho, no movimento histórico das relações sociais de produção e reprodução capitalista; e a “velhice trágica” como uma produção social, expressão da questão social (Paiva, 2012; 2014)”

Consideradas até aqui a instrumentalidade do Serviço Social e a importância do fomento da pesquisa na área do envelhecimento - entendido também que “velho” ou “velha” é uma construção social - passemos agora a um dos aspectos que mais afetam o sujeito idoso inserido na sociedade regida pelo capital neoliberal: o etarismo ou ageísmo e como podemos atuar, no Serviço Social, para minimizar e quiçá reverter os efeitos danosos desta forma de preconceito.

Estamos vivendo a Década do Envelhecimento Saudável, declarada pela ONU em 2020, que inclui entre outras diretrizes a Estratégia Global da OMS Sobre Envelhecimento e Saúde, o Plano de Ação Internacional das Nações Unidas para o Envelhecimento e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda das Nações Unidas. Esta iniciativa global:

[...] consistirá de dez anos de colaboração concertada, catalítica e sustentada. Os idosos estarão no centro do plano, que reunirá governos, sociedade civil, agências internacionais, profissionais, academia, mídia e o setor privado para melhorar a vida dos idosos, de suas famílias e comunidades.²²

Quatro ações centrais compõem a iniciativa:

- Mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento.
- Garantir que as comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas.

²²**Fonte:** <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>

- Entregar serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa.
- Propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitem.

Fica claro o necessário arregimentamento do Serviço Social nestas quatro grandes ações em atitudes orquestradas junto às demais categorias profissionais que trabalham na promoção da saúde e do bem-estar do idoso.

É, porém, a primeira reflexão/ação, dentro do escopo desta monografia - sugerir e promover a mudança na forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento - a qual iremos nos ater neste momento. E uma das formas mais efetivas de se atingir esse objetivo consiste na atitude crítico -reflexiva diante do etarismo/ageísmo/idadismo.

Transcrevo aqui a fala retirada de um vídeo que pode ser acessado na plataforma Youtube²³, postado pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - Seção DF (SBGG) que mostra, com muita clareza, os efeitos negativos do etarismo/ageísmo e as ações possíveis e necessárias para combatê-lo em nosso cotidiano profissional e pessoal. Tentei resumir ao máximo a transcrição, mas a assertividade de cada palavra dita torna a tarefa de cortar trechos menos relevantes quase que uma impossibilidade:

Está arraigada na cultura latino-americana certo estereótipo sobre o envelhecimento, com a velhice frequentemente retratada de forma anedótica, pejorativa com atitudes muitas vezes discriminatórias, que muito afetam a saúde mental, o bem-estar e a auto estima da pessoa idosa. [...] vamos falar sobre as origens desse comportamento, os malefícios que provoca no indivíduo que envelhece em sociedade [...] orientar sobre como identificar e modificar esse comportamento social.[...] um desafio está nas atitudes negativas em relação aos mais velhos que desembocam em discriminações e violências em várias sociedades, principalmente nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, incluindo aí o Brasil.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-6cfeIUrBU>

[...] apoiar o desenvolvimento de estratégias educativas para reduzir ou eliminar essa discriminação [...] O preconceito por idade está associado a piores condições de saúde física e mental em idosos, o que aumenta o isolamento social e a solidão e provocam a insegurança financeira. Tudo isto ao ponto de causar mortes prematuras e evitáveis ao custo de alguns bilhões de dólares ao ano. [...] Atitudes quanto à idade começam a tomar forma na primeira infância devendo ser atacadas de frente pela educação familiar e fundamental escolar. Não é algo muito diferente do *bullying* praticado por estudantes do ensino fundamental e médio nas escolas, mas que ganha formas diferentes de manifestação em virtude das estratégias mais sutis e dissimuladas com que adultos exercem dominação e praticam violência, principalmente psicológica no seu convívio.

Ao longo da vida esses valores podem ser cristalizados, impactando negativamente nas nossas atitudes, frente a limitações que acumulamos com os anos, em desempenho físico e mental. A discriminação por idade impregna as mentes e acaba erguendo barreiras contrárias a construção de políticas e programas em setores estratégicos como emprego, habitação, Assistência e Social e pensões que favoreçam a pessoa idosa. No fim a discriminação por idade marginaliza o indivíduo, reduz o seu acesso a serviços, incluindo aí os de saúde e Assistência Social e limita a apreciação e o emprego do capital humano e social que uma pessoa idosa representa.

À intensificação do preconceito ou de outras formas de discriminação se somam à aquela por idade, tornando a discriminação particularmente mais prejudicial à minorias, como as pessoas com deficiência, negras e em situação de rua. No Brasil são escassos os ambientes nacionais e estaduais locais que aglutinam pessoas e movimentos em favor de um ativismo específico voltado à defesa do envelhecimento saudável.

É nítido que as conquistas sociais vêm acontecendo e auxiliam no empoderamento das pessoas idosas, já que os benefícios de hoje alcançam coisas que as gerações anteriores não poderiam imaginar. Mas não podemos nos dar por satisfeitos. Não podemos esperar pela benevolência de governos. Toda e qualquer iniciativa por parte da sociedade civil é valiosa e o protagonismo individual do cidadão comum é indispensável.

[...] o conceito de ageísmo/etarismo foi criado e difundido por Robert Butler (1927-2010) em 1969, em função da forma como ele observava como os colegas médicos

tinham comportamentos negativos e preconceituosos para com seus próprios pacientes idosos. Butler difundiu o debate ao publicar vários estudos seminais sobre o preconceito por idade, sugerindo que a base desse preconceito tinha raízes em outro fenômeno psíquico: o medo de envelhecer e de desenvolver dependência e incapacidade com a idade.

Outros pesquisadores seguiram os passos de Butler, o que fez a área se desenvolver, tanto filosófica quanto cientificamente e hoje há correntes de pensamento que consideram o ageismo uma doença social que demanda uma mudança igualmente social, portanto sistêmica, de percepção da realidade, de modo a eliminar estereótipos associados ao envelhecimento, combatendo preconceitos arraigados em nossa mente para compor outros valores humanos, sociais e culturais. Isso porque a manifestação do ageismo muitas vezes parte do nosso inconsciente, afinal, quantas vezes não nos pegamos contando ou rindo de piadas que tomam as limitações da idade como algo engraçado e anedótico.

[...] O preconceito por idade está tão arraigado na nossa cultura que a maioria das pessoas nem mesmo tem consciência disso e apenas notam que isso acontece quando elas próprias envelhecem o suficiente para começar a sofrer algum tipo de hostilidade ou de comentário depreciativo por causa de sua idade. Por isso, reconhecer estas atitudes, em nós mesmos e no meio que nos cerca é o primeiro passo.

No imaginário das pessoas prevalece o ideário de que um envelhecimento bem-sucedido está associado a manter-se com a mesma disposição, as mesmas atitudes, os mesmos interesses dos jovens. Ora, se quando passamos a adolescência perdemos os interesses e as atitudes que tínhamos quando crianças e o mesmo fenômeno se repete reiteradamente quando passamos as fases subsequentes do ciclo da vida, com expectativas, com preferências se modificando a cada fase. Como esperar que uma pessoa idosa mantenha a mesma disposição, as mesmas atitudes e os mesmos interesses que tinha quando mais jovem? É algo completamente irreal e injusto de se esperar.

Apesar da conclusão lógica para essa pergunta ser algo relativamente óbvio, alguém precisa urgentemente avisar as agências de publicidade, as indústrias de moda e dos cosméticos - e isto só para listar alguns setores, pois o discurso antienvelhecimento

está presente em praticamente todas as campanhas publicitárias. E a promessa de vitalidade e de longevidade está estampada em produtos de saúde e de beleza a todo instante, como se o corpo que envelhece precisasse ser negado e combatido a todo custo.

Mesmo nas áreas da medicina, a prática do charlatanismo antienvhecimento acontece a todo tempo. E a busca por uma especialização - *qualificada mesmo* - na área da Geriatria é pequeníssima, sendo uma das áreas de atuação menos procuradas pelos médicos [...] apesar de relativamente bem remunerada. A pouca atenção que se dá ao idoso leva a uma rejeição inconsciente à figura do velho e reforça o polêmico debate, bem atual por sinal, que tenta qualificar a velhice como doença.

O preconceito por idade, tal qual outras discriminações, é baseado em estereótipos e existem muitas estratégias que podem ser feitas para se combater esses estereótipos, o que passa por mudar a concepção das pessoas de que o envelhecimento é uma fase de perdas. A maturidade também vem acompanhada de ganhos, que são pouco comentados.

A juventude, mesmo recheada de saúde, beleza e potência não vem, por si só, com uma carga de experiências e de competências aprendidas que assegure o sucesso profissional, por exemplo. [...] E os acréscimos em serenidade, em empatia, em minimalismo, que os anos costumam trazer, contribuem para que os mais velhos reconheçam o que de fato é mais importante na vida.

[...]Depois deste reconhecimento sobre os ganhos com a maturidade temos também que reconhecer que somos todos preconceituosos, enquanto produtos de uma sociedade que somos, que tem essa característica de ter preconceitos arraigados. Por isso precisamos nos policiar mais e passar a ter uma comunicação menos discriminatória. Ao invés de dizer que uma pessoa não aparenta a idade que tem, diga apenas que ela está bem, que ela está bonita. Ao invés de dizer que uma pessoa está muito velha para fazer alguma coisa, diga que sempre se está em tempo, em boa hora para um novo desafio, um novo aprendizado. Quebre o pensamento discriminatório. E para os que já estão mais velhos, sejam mais indulgentes, mais benevolentes consigo mesmos. Não fiquem alimentando culpa ou remorso e muito menos se desculpando pelas limitações

que apresenta. Você não vê uma criança se desculpando pela inocência que a infância traz. Pois é algo que é natural, que é inerente de ocorrer naquela faixa etária.

São as atitudes e as falas que quebram preconceitos.”

4 O GRUPO RENASCER E O PROJETO DE INTERVENÇÃO DE ESTÁGIO ETARISMO: QUE TREM É ESSE?

Fundado em 1929 o então Hospital Gaffrée e Guinle é fruto da filantropia do industrial Guilherme Guinle, quando na Reforma da Saúde Pública (1919-1920) gerida pelo DNSP (Departamento Nacional de Saúde Pública), sob a direção do médico e sanitarista Carlos Chagas (1879-1934)²⁴. Com seu projeto inovador e suas amplas enfermarias foi um hospital pensado para a profilaxia e erradicação das doenças venéreas - atual DSTs - notadamente a sífilis e da hanseníase, haja vista ao alto índice de contágio que essas moléstias apresentavam no início do século passado no Estado do Rio de Janeiro. Em 1966 foi incorporada a Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e em 1968 adquire o status de Hospital Universitário. Em 1979 passa a integrar a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Este HU é uma instituição de caráter público - de assistência, ensino, pesquisa e extensão- oferecendo à população do Rio de Janeiro as mais diversas especialidades médicas (ambulatoriais, internação e exames de alta complexidade), sendo um hospital conveniado do SUS.

4.1 O Grupo Renascer:

O Grupo Renascer – Programa Interdisciplinar de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida do Idoso é parte integrante do CEMPE – Centro Multidisciplinar de Pesquisa e Extensão em Envelhecimento, tendo suas atividades iniciadas no ano de 1995.²⁵

O Renascer é um Programa de Envelhecimento que se destina a promoção da saúde e da qualidade de vida do idoso, por meio de ações interdisciplinares, proporcionando assim um envelhecimento ativo e inclusivo com qualidade de vida.

4.2 O Serviço Social no Grupo Renascer:

²⁴**Fonte:** <http://azulejosantigosrj.blogspot.com/2012/09/tijuca-iv-hospital-gaffree-e-guinle.html?m=1>

²⁵**Fonte:** http://www.unirio.br/comunicacaosocial/arquivos/em-foco/emfoco_09_18_v9.pdf

O processo de trabalho no qual se insere o Serviço Social tem abordagem individual ou grupal, de acordo com a especificidade da problemática apresentada, tendo em vista um olhar crítico e investigativo. O profissional de Serviço Social contribui para a pesquisa social, tendo por princípio o conhecimento das condições de vida e trabalho da população idosa brasileira.

Conhecer, inteirar-se e apropriar-se das legislações específicas desse segmento e de ferramentas e instrumentos que contribuam para a garantia da efetivação dos direitos do idoso, tendo em vista o exercício da cidadania e a participação da vida em sociedade e em família são atividades do Serviço Social no Renascer. Nesse aspecto, seus principais objetivos são:

- Buscar a convivência e a integração social do idoso;
- Fortalecer as relações entre idoso, seus familiares e sua rede social de suporte;
- Proporcionar um espaço para discussão e orientação quanto à violência doméstica, institucional e urbana;
- Proporcionar espaços sócio-educativos com o intuito de reflexão, aquisição e ampliação de conhecimento social;
- Resgatar as potencialidades de autonomia e independência do idoso para as atividades da vida diária (AVD).

4.3 O Projeto: Abordando o Preconceito de Idade - Etarismo

Este projeto de intervenção nasceu do contato direto experimentado em campo de estágio junto ao Grupo Renascer, seus usuários diretos e da equipe de profissionais que ali atua. Observa-se neste espaço institucional o valioso estudo multidisciplinar que busca compreender e difundir as implicações relativas ao envelhecimento e a pesquisa que resulte em maior qualidade de vida para a população idosa. Qualidade essa no mais amplo aspecto possível: físico, mental, emocional e social. Para tanto, a instituição conta com médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, enfermeiras, psicólogos e assistentes sociais, além de diversos outros profissionais e voluntários como advogados, artistas e palestrantes nas áreas de conhecimento pertinentes ao atendimento dos idosos

participantes.

No âmbito do Serviço Social, faz-se necessário, além da garantia de direitos, a análise dos fatores sociais e psicossociais que atrapalham ou colaboram na convivência e participação do idoso não somente no Grupo Renascer, mas também no tecido social de nossos dias, contribuindo para a construção e manutenção de uma nova perspectiva do envelhecimento para estes usuários e - na medida do possível- para a sociedade na qual ele deve estar inserido.

Partindo desta premissa e da constatação do preconceito experimentado pelo idoso, o presente projeto pretende dialogar com os membros do Grupo Renascer a questão do **etarismo**, ou seja, do preconceito de faixa etária para com os idosos na atual sociedade de consumo que supervaloriza o novo, o jovem, a aparência juvenil em detrimento da experiência adquirida pelo idoso, excluindo-o, ou pelo menos tentando, do mercado de trabalho, da cultura e da participação e colaboração na sociedade economicamente produtiva. E discutir, conseqüentemente, como resistir e combater esta visão excludente sobre o envelhecimento. Para tanto se projeta aqui a elaboração de conteúdo gráfico (folder – ANEXO A), com o tema proposto.

4.4 Justificativa

Este projeto de intervenção tem por objetivo discutir o preconceito de faixa etária em meio a sociedade, ressaltando a **Política Nacional do Idoso (PNI)**, que visa assegurar os direitos sociais do idoso e sua participação na sociedade. Em 1994 foi promulgada a **Lei 8.842**, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e tem por finalidade proteger e assegurar o direito do Idoso como assim afirma: Art. 1º “A política nacional do idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”.

Atentando para o entendimento do idoso dentro da ótica do capital, a Política Nacional do Idoso, sua formulação e as garantias estabelecidas por esta e a importância da articulação das políticas públicas para a consolidação desta política.

No estudo **O Compromisso Ético Político do Serviço Social e o Idoso**, Grazielle Pucci Stringueta²⁶ nos relata:

Envelhecer é uma transformação natural do ser humano que não deve ser tratada com apenas soluções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais. É nessa conjuntura que se evidencia a necessidade de existir um projeto de lei que assegure os direitos não só dos idosos com de todo ser humano, com isso foi instituída a Constituição federal de 1998, que tem introduzido em suas disposições o conceito de Seguridade Social, fazendo com que a rede de proteção social busque ter uma conotação ampliada de cidadania. (STRINGUETA, *et al.*, 2009)

O idoso, nesse contexto, continua a autora, sofre graves consequências visto que ao chegar à terceira idade, é considerado pela sociedade, pelo mercado e principalmente pelo capitalismo como inútil, incapaz e improdutivo. Diante disso, o idoso de certa forma, é vítima do sistema vigente, onde, pela lógica do capital, não está inserido na sociedade e nem poderá se inserir, devido a tantas barreiras hoje postas á eles.

Desta forma, as entidades públicas (e aí está inserido o Serviço Social) devem ter como uma de suas competências, promover a redução da discriminação do idoso e garantir sua dignidade e seu direito a vida, como proposto na Lei 8.842.

No decorrer da elaboração deste projeto pensou-se levar informação não somente ao idoso membro do Grupo Renascer (que desfruta de convívio democrático e não discriminatório enquanto participante), mas também e principalmente pensou-se nos grupos sociais onde este idoso está inserido para além dos portões do HUGG. Desta forma pretende-se que o idoso – assimilando a proposta do folder – venha a ser agente participativo na divulgação do conteúdo distribuído, levando-o consigo para seus lares e grupos sociais, utilizando o impresso como auxílio na refutação do preconceito de idade nos meios onde convive cotidianamente.

²⁶ O compromisso ético político do serviço social e o idoso. Stringueta *et al.* **ETIC - Encontro de Iniciação Cientificava**, v.6, n. 6. 2010.

4.5 Objetivo Geral

Democratizar o acesso à informação sobre a questão do etarismo e dos direitos constitucionais relativos ao idoso na atual sociedade por meio de conteúdo gráfico (folder) que será distribuído para um grupo piloto escolhido entre os membros do Grupo Renascer.

4.6 Objetivos Específicos

- Discutir com o grupo o preconceito de idade (etarismo) em nossa sociedade
- Propor o debate sobre como o senso comum e os meios de formação de opinião tratam da questão do envelhecimento atualmente.

- Avaliar, junto ao grupo, a validade, a qualidade e a pertinência do conteúdo veiculado no folder e durante a roda de conversa e a possibilidade de alterações e/ou adendos para que o presente projeto possa ser estendido e/ou modificado.

- Avaliar a possibilidade de que seja este grupo um propagador das informações contidas no folder para seus grupos familiares e de amigos externos ao Grupo Renascer.

4.7 Metas

Planejou-se elaborar o folder sobre etarismo e divulgá-lo para 15 membros participantes do Grupo Renascer. No momento da distribuição, os membros escolhidos foram convidados a formar um grupo para visualizar, ler e debater o conteúdo veiculado no folder e foram estimulados a emitir suas impressões e/ou suas experiências pessoais – caso quisessem- acerca do tema proposto, que é o preconceito de faixa etária. A partir das impressões colhidas nesta roda de conversa (que contou com a presença da supervisora de campo como orientadora do debate), foram colhidas as impressões destes usuários do Grupo Renascer sobre suas experiências em relação ao etarismo e a maneira como estes lidam com este preconceito no seu cotidiano. Após a promoção deste debate, avaliou-se a eficácia e relevância do folder por intermédio de um breve questionário.

O folder: (Anexo A)

Para abortar o preconceito de faixa etária utilizaremos uma analogia à um grande trem com muitos vagões, sendo cada um dos vagões uma diferente etapa de nossas vidas. Nesta analogia, idosos, jovens, adultos e crianças transitam livremente pelos mais diversos vagões, no intercurso da viagem, não havendo distinção entre quais vagões permanecer, ou seja, sem segregação ou discriminação. Pretende-se, pois, de forma lúdica e divertida, aludir a um convívio democrático onde a faixa etária não é impeditivo para que todos possam desfrutar de respeito e dignidade independente de sua idade ou preferência por hábitos associados a determinadas idades.

Acompanhando as ilustrações tem-se o texto que explica e promove a reflexão sobre o tema, com letras grandes para melhor visualização e inserção dos dispositivos legais que embasam o debate aqui proposto.

Orçamento:

O custo maior não foi o financeiro certamente, mas sim o da pesquisa e compilação do conteúdo proposto. Transformar o material pesquisado em imagens e textos dinâmicos e de fácil entendimento foi a tarefa maior; A escolha das personagens, o tratamento das imagens e dos textos até a montagem propriamente, resultado da união de duas folhas de papel ofício tamanho A4, impressas em ambas as faces, manualmente coladas e dobradas, resultando em 12 faces sanfonadas, que recolhidas mede 21 x 10 centímetros.

Iniciei o trabalho com a intenção de criar todas as ilustrações à mão, utilizando aquarela. Percebi, porém, que - além de eu não dominar a técnica da aquarela - não haveria tempo suficiente para produzir todas as personagens e situações propostas utilizando esta técnica. Desta forma, desenhei e colori apenas o fundo, como um cenário base, e em cima deste fundo adicionei as personagens retiradas de bancos de imagens na internet.

Isto diminuiu tremendamente o tempo necessário para a tarefa, embora também tenha sido trabalhoso buscar, recortar e compilar cada imagem ou personagem e assentá-las em seus lugares. Utilizou-se para tanto um programa de edição gráfica

(CorelDraw) e o tradicional Paint do Windows.

Avaliação:

O projeto foi avaliado pelos idosos após a distribuição dos folders e da posterior roda de conversa, de maneira quantitativa e qualitativa. Isto é, foi contabilizado o número de usuários que receberam o folder e também o nível de entendimento e de importância que o encontro obteve. Esta avaliação qualitativa se deu por meio de breve questionário:

- 1 – Você achou importantes as informações do folder?
- 2 – Você pretende divulgar estas informações entre seus amigos e familiares?
- 3 - Gostaria de acrescentar ou remover algo deste folder?
- 4 – Gostaria de participar de um debate sobre o tema proposto no folder com os demais idosos do Grupo Renascer?

O resultado:

A distribuição dos folders, a roda de conversa e as respostas ao questionário (além de imprevistas declarações espontâneas dos participantes) mostraram-se bastante positivas, induzindo a crer que o projeto de intervenção atingiu os objetivos propostos, ou seja, a conscientização acerca do etarismo (e mesmo de sua terminologia, que muitas vezes é sofrido mas não é identificado e classificado como tal) e a percepção deste pensamento socialmente construído e as atitudes que precisam ser tomadas para que a sociedade repense este preconceito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“All of these lines that cross my face,
Tell you the story of who I am,
So many stories of where I’ve been
And how I got to where I am.
But these stories don’t mean
anything
If you get no one to tell them it’s true
[...].”
(Brandi Carlile,
The Story)*

“Todas estas linhas que atravessam
meu rosto,
Te contam a história de quem eu
sou,
Tantas histórias de onde eu estive,
E sobre como eu cheguei até aqui.
Mas estas histórias nada
representam
Se você não tiver a quem contar que
elas são verdade[...]
(Brandi Carlile,
A História)

Buscou-se aqui apresentar o resultado de cerca de cinco anos de discência, unidos a quatro semestres de estágio que visam preparar Assistentes Sociais comprometidos com a Teoria Social Crítica.

Escolheu-se como objeto de pesquisa, o envelhecimento e assuntos correlacionados, (como a conceituação, em diferentes épocas, das palavras velhice, envelhecimento, velho, velha, por exemplo), nos aspectos social, científico e jurídico.

Conclui-se que as atitudes e posicionamentos etaristas e/ou ateístas, assim como o racismo, a homofobia, a transfobia, a xenofobia, e demais formas de discriminação haverão de ser desestimuladas e - esperemos que seja possível - transformadas. Atitudes etaristas/ageístas podem representar, dentre outras perdas, a do capital humano (pessoas com experiência rejeitadas em recrutamentos para emprego por conta da idade, por exemplo), além de outras demais injustiças como o isolamento social, o abandono, a baixa autoestima e, nestes casos, a inevitável depressão psicológica e os problemas de

saúde assim advindos, podendo inclusive ocasionar sobrecarga no sistema de saúde a mortes precoces e evitáveis.

Procurou-se demonstrar a importância da dimensão interventiva do Serviço Social na desconstrução do preconceito por faixa etária e os benefícios diretos que esta desconstrução traz, refletindo diretamente na saúde, no bem-estar, na qualidade de vida e na autoestima de nossos idosos e idosas.

Percebemos que o envelhecimento é condição inerente à vida, é um processo ao qual estamos todos submetidos, porém o conceito de velhice, o de sentir-se velho ou velha - ou ser descrito como tal - é uma invenção social carregada de concepções equivocadas que expõem, muitas das vezes, nossos próprios temores e nossa própria desinformação acerca das transformações - biológicas, sociais e psíquicas - pelas quais passamos no decorrer dos anos vividos.

Combater essa desinformação é, portanto, a tarefa que aqui propomos. E a materialização destas iniciativas, queremos afirmar, pode e deve vir acompanhada de inventividade e criatividade, de maneira a estimular e promover a desconstrução deste e de outros preconceitos, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária, preceitos de nossa atuação como estudantes, profissionais e formadores em Serviço Social.

As sociedades modernas, sob a égide do consumo e do acúmulo de capital e da especulação financeira, homogeneizam existências humanas e não consideram histórias vividas e subjetividades. O cenário atual nos parece, sem exageros, o de uma batalha inglória. De um lado o poder avassalador do lucro a qualquer custo, de outro nós, a classe trabalhadora, cada vez mais explorada, mercantilizada, cooptada e *uberizada*. Em tempos tão áridos, tudo o que menos precisamos é de preconceito contra nossos pares. Para avançarmos no ideal da construção de um novo modelo societário para além do capital, precisamos primeiramente vencer nossas pequenas escaramuças internas contra nós mesmos. Nossas armas são a informação, a pesquisa, a formação, a conscientização e a intervenção.

Citando Antonio Gramsci e o conceito do intelectual orgânico, tomemo-lo como exemplo, acrescidas as devidas proporções, já que hoje dispomos de ampla gama de veículos de comunicação, instantânea e global. Utilizemos, portanto, os mesmos veículos

dos quais se valem os que nos ferem e subjagam para este contra-ataque. Falamos, por exemplo, das mídias sociais, dos espaços públicos, das manifestações culturais e artísticas e dos coletivos de minorias, por exemplo. Contra a inoculação sistemática da acumulação do capital que domina os meios de comunicação e brutaliza as relações e os valores. Fazemos a ocupação e a resistência destes espaços objetivando a produção e a propagação de um pensamento mais humanitário como uma de nossas metas.

Fica clara também, neste encerramento, a urgente demanda solicitada ao Serviço Social no sentido de um maior aprofundamento na área da Gerontologia Social Crítica, o que deve ser alcançado com mais pesquisa, mais trabalhos, artigos, monografias, dissertações e pós-graduações voltadas para esta área. Intenção de aprofundamento que, de nossa parte, manifestamos aqui com bastante entusiasmo diante da riqueza da literatura encontrada em nossa pesquisa.

Quanto ao envelhecimento, a velhice e o etarismo, motivação primeira deste trabalho, deixamos as últimas palavras, retiradas da internet quando ainda em período de estágio, para que reforcem, uma vez mais, os compromissos que temos pela frente, como profissionais do Serviço Social e como pessoas mais fraternas em nossa essência. Os benefícios gerados pelas atitudes descritas abaixo serão de toda a sociedade.

“Como podemos mudar esse quadro no Brasil?

-Estreitar o relacionamento com as pessoas idosas próximas, ouvir e valorizar suas histórias de vida.

-Conhecer mais sobre os aspectos sociais, econômicos, étnicos, culturais, legais e biológicos do envelhecimento na sociedade brasileira e repensar as atitudes/valores quanto ao idoso.

-Desmistificar as causas de criação de mitos e falsos parâmetros acerca da velhice no Brasil.

-Investir nas crianças de um aos três anos, momento da constituição da personalidade, propiciando a aproximação das mesmas aos idosos e que pelo exemplo

de cuidado, atenção e respeito de seus pais a essas pessoas, as crianças poderiam internalizar esses valores/attitudes, apoiadas pelas escolas, igrejas e grupos sociais.

-Reconhecer a potencialidade laborativa dos idosos, sua saúde, energia e criatividade.

-Favorecer a inclusão social do idoso promovendo o sentido da sua existência.

-Enfim, o envelhecimento deve ser visto como o alcance de certo patamar de desenvolvimento humano, indicado pela presença de papéis sociais e de comportamentos considerados como apropriados ao adulto mais velho, designando-lhe adjetivos como experiente, prudente, paciente, tolerante, ouvinte, e acima de tudo sábio²⁷.

²⁷ **Fonte:** <http://longevidade-silvia.blogspot.com/2010/04/o-olhar-ao-idoso-no-japao-e-na-china.html>

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Ana Helena de; MENESES, Maria Piedad Rangel. Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice. **Pensamiento Psicológico**. v. 3, n.8, 2007, p. 7-18.

BLOG viva +. **Entenda o que é o estatuto do idoso e qual sua importância!**
Disponível em: <https://vivamais.cemigsaude.org.br/o-que-e-o-estatuto-do-idoso/>. Acesso em 26 fev. 2022

BOBBIO, N. **Tempo da Memória: De Senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República [2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 26 fev. 2022.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em 26 fev. 2022.

BRASIL. **Lei 8.080 de 19 de setembro 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF: 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em 26 fev. 2022.

BRASIL: **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em 26 fev. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.029, de 13 de abril de 1995**. Proíbe a exigência de atestados de gravidez e esterilização, e outras práticas discriminatórias, para efeitos admissionais ou de permanência da relação jurídica de trabalho, e dá outras providências.

BRASIL. **Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília DF. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em 25 fev. 2022

BRUM, Eliane. **Me chamem de velha.** A velhice sofreu uma cirurgia plástica na linguagem. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chamem-de-velha-por-eliane-brum/>. Acesso em 26 fev. 2022.

Conselho Federal de Serviço Social. **Parâmetros Para a Atuação de Assistentes Sociais na Saúde.** Brasília, DF: 2013.

DE PAULA, Marcos Ferreira. Os idosos do nosso tempo e a impossibilidade da sabedoria no capitalismo atual. **REVISTA SOCIAL & SOCIEDADE**, São Paulo. 2016 <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/KpPCVCRHWMZYRRpR3f76bVq/?format=html&lang=pt>. Acesso em 27 fev. 2022.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **Desenvolvimentismo:** a construção do conceito, IPEA, 2015. Disponível em : https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=25801. Acesso em 27 fev. 2022.

FREITAS, Maria Célia de *et al.* Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** 10 (2), abr. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000200015>. Acesso em 25 fev. 2022.

GUIMARÃES, Cátia. Um país mais velho: O Brasil está preparado?. **Revista POLI**, Ano XIV – n. 81 - jan. / fev. 2022. p.28.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul,; CARVALHO, Raul, **Relações sociais e Serviço Social no Brasil:** esboço de uma interpretação histórico-metodológica, São Paulo, Cortez, 2014.

LEITE, Hastanya Maria Mendonça, **Autoimagem na Perspectiva do Envelhecimento**, Escola de Saúde Pública do Ceará, 2007.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Boitempo.2011. v.1.

NETTO, José Paulo. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995, (Coleção questões da nossa época ,v.20)

SALGADO, Marcelo Antônio. **Velhice, uma nova questão social**. Biblioteca Científica do SESC. São Paulo, 1980.

Secretaria de Cultura [Estado] -Programa de Ação Cultural. **Envelhescência** [documentário]. São Paulo: Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=jeWfojm1A-g>. Acesso em 28 fev. 2022.

STRINGUETA, Grazielle Puci, *et al.* **O Compromisso Ético Político do Serviço Social e o Idoso**. São Paulo: 2009. Disponível em :
<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/2284/1877>: Acesso em : 24 fev. 2022.

World Health Organization. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

6 ANEXO A: ETARISMO QUE “TREM” É ESSE?



IMAGINE CADA UM DELES
COMO UMA NOVA ETAPA DE
NOSSAS VIDAS. ÀS VEZES,
VAMOS PREFERIR UM
VAGÃO COM MAIS AGITAÇÃO
E CONVERSA. EM OUTRO
MOMENTO PODEMOS
PREFERIR SOSSEGO PARA
LER UM LIVRO. VAMOS
ENTÃO PARA O VAGÃO
BIBLIOTECA

PODE SER QUE À CERTA
ALTURA RESOLVAMOS
NAMORAR, QUEM SABE?
HORA DE DAR UMA
PASSADINHA NO VAGÃO
SERESTA! COM MÚSICA
ROMÂNTICA E UNS
APERITIVOS - COM
MODERAÇÃO É CLARO!

E PARA OS MAIS RADICAIS
TEM TAMBÉM O
VAGÃO ROCK AND ROLL!!!

E O MAIS LEGAL É QUE NÃO
HÁ PORTAS SEPARANDO OS
VAGÕES!
NÓS PODEMOS TRANSITAR
PARA LÁ E PARA CÁ
DURANTE TODA A VIAGEM!



TEM ATÉ UM VAGÃO MUITO BACANA CHAMADO GRUPO RENASCER ONDE IDOSOS SUPER MODERNOS APRENDEM, ENSINAM E CONVIVEM COM JOVENS E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO!

SÃO PESSOAS QUE AINDA NÃO PERCEBERAM QUE O TREM É UM SÓ, QUE ESTAMOS TODOS VIAJANDO NA MESMA VELOCIDADE E QUE LÁ FORA A PAISAGEM QUE PASSA PELA JANELA É A MESMA PARA TODOS!

O ETARISMO, ALÉM DE SER UMA GRANDE TOLICE, PODE EM ALGUNS CASOS CONFIGURAR CRIME. POR EXEMPLO: A LEI PREVÊ PUNIÇÕES PARA RECUSA DE VAGAS EM PROCESSOS SELETIVOS E HUMILHAÇÃO SOFRIDA POR CONTA DE DISCRIMINAÇÃO POR IDADE.



POIS ENTÃO...É UMA PENA QUE NESTA VIAGEM ALGUMAS PESSOAS DISCRIMINEM OUTRAS SÓ PORQUE ESTÃO EM UM VAGÃO À FRENTE OU ATRÁS.

NEGAR ISTO É UMA FORMA DE PRECONCEITO E TEM NOME: CHAMA-SE ETARISMO- PRECONCEITO POR FAIXA ETÁRIA. TAMBÉM CHAMADO DE IDADISMO OU AGEÍSMO (DO INGLÊS AGE-IDADE).

EMBORA A SOCIEDADE ESTEJA CADA VEZ MAIS ATENTA AOS DIREITOS DOS IDOSOS, MUITO AINDA DEVE SER FEITO.

ESTATUTOS E LEIS NÃO FALTAM. O QUE FALTA É O RESPEITO E O CUMPRIMENTO DAS LEIS. UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA É A QUE COMPREENDE QUE NÃO EXISTE O "MEU TEMPO" OU O "SEU TEMPO". SOMOS TODOS CONTEMPORÂNEOS!

O GRUPO RENASCEER DESEJA A TODOS OS SEUS PARTICIPANTES, AMIGOS E FAMILIARES, UM NATAL DE PAZ, AMOR, SAÚDE E HARMONIA !



PROGRAMA RENASCEER
- CEMPE -
CENTRO MULTIDISCIPLINAR
DE ENSINO, PESQUISA
E EXTENSÃO
SOBRE O ENVELHECIMENTO



CONSCIENTIZAÇÃO DA SOCIEDADE E LUTA PELO CUMPRIMENTO DAS LEIS QUE ASSEGURAM OS DIREITOS DA PESSOA IDOSA SÃO UM PRIMERIO PASSO! COMPARTILHE ESSA IDÉIA! VAMOS DIZER NÃO AO ETARISMO!



Projeto de Intervenção de Estágio em Serviço Social, elaborado pelo aluno André Rezende, em dezembro de 2019.
Supervisão de Estágio:
Andrea Malveira
Heliané Dias
(Assistentes Sociais)
Supervisão Acadêmica:
Lobélia Faceira



DAPTI - DELEGACIA ESPECIAL DE ATENDIMENTO A PESSOA DA TERCEIRA IDADE - TELEFONE: (21) 2333-9260



7 ANEXO B: Abaixo-assinado contra o desmanche do CEMPE.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 2020. ABAIXO-ASSINADO CONTRA O DESMANCHE DO CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PESQUISA E EXTENSÃO SOBRE ENVELHECIMENTO (CEMPE)/HUGG. Nós, técnicos administrativos, professores e alunos que fazemos parte do Programa Interdisciplinar de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida do Idoso - Grupo Renascer, abaixo assinados, vimos demonstrar nossa insatisfação e indignação contra o desmanche do CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PESQUISA E EXTENSÃO SOBRE ENVELHECIMENTO (CEMPE/HUGG) conforme anunciado à equipe deste programa há menos de uma semana, tendo-se como justificativa atender à epidemia de COVID-19. Orientados por princípios extensionistas, e impulsionados pela crescente demanda de idosos no Brasil – e conseqüentemente de profissionais para o campo da Gerontologia – é válido começarmos lembrando que o referido programa está completando 25 anos de história em 2020, sobre pilares da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, consolidando-se como um dos mais fortes programas acadêmicos da UNIRIO, em particular com o surgimento do CEMPE. É indiscutível a importância de se prestar assistência ao idoso na sociedade brasileira atual, visto como desafio para a saúde pública, diante do acentuado e acelerado processo de envelhecimento da população. Diante da rápida transição demográfica brasileira, se tornou necessário buscar a construção de políticas públicas para essa população. Uma das respostas dada pelo Estado brasileiro em conjunto com a sociedade, foi a aprovação da Política Nacional do Idoso (PNI), por meio da Lei 8842/1994. Vale registrar que um ano depois o Grupo Renascer estava sendo criado dentro do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG). A PNI propõe uma readequação da rede de serviços, e sugere a reformulação de currículos universitários, assistência social integral ao idoso, dentre outras medidas. Entre suas diretrizes, algumas que são pertinentes a presente discussão e cabem ser ressaltadas aqui: “I- a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos de cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida; II- o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza” (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 1994). Com a

criação da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), em 2006, foram identificados eixos temáticos de acordo com as diretrizes de atenção integral e ações intersetoriais, sendo a “Promoção do Envelhecimento Ativo e Saudável” um desses eixos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). Regidos pela PNSPI, a construção do CEMPE, em 2007 (que ocorreu com verbas específicas do MEC, na gestão da Prof. Malvina Tania Tuttman, Reitora da UNIRIO à época), ampliou o número de projetos, e consequentemente, de alunos e profissionais atuando junto ao mesmo, e assim o Grupo Renascer se tornou referência na promoção, proteção e recuperação da saúde da população idosa, no Rio de Janeiro. Os cerca de 300 idosos participantes do referido programa, recebem diariamente no CEMPE atenção multiprofissional, interdisciplinar e constante interação dialógica, princípios básicos da Extensão Universitária. 2 Com a criação do centro, a UNIRIO viabilizou maior produção científica e acadêmica neste campo do saber, e maior visibilidade no cenário nacional e internacional, com uma infinidade de apresentações feitas até hoje, nos mais diversos fóruns científicos e artísticos, dentro e fora da UNIRIO, com a participação ativa e frequente do idoso, seja na plateia ou nos palcos. Possibilitou-se, assim, a conclusão de curso de centenas de ex-alunos da UNIRIO, interessados em estudar o envelhecimento humano, sempre tendo em vista uma formação mais humanística e socialmente referenciada, qualidades que só uma universidade extensionista permite alcançar. O CEMPE serve de terreno para práticas e aprendizagens (aulas práticas, aulas teóricas, estágios) dos alunos das escolas de: Enfermagem, Medicina e Cirurgia, Nutrição, Serviço Social, Teatro, Direito, Biomedicina entre outras unidades acadêmicas da UNIRIO, que até hoje possuem projetos articulados dentro do programa – com professores, técnicos, bolsistas de Extensão, Monitoria, Iniciação Científica, Incentivo Acadêmico, fora voluntários e alunos de Residência Multiprofissional do HUGG, mestrandos e doutorandos que realizam seus trabalhos de conclusão junto ao programa – os quais correm o risco, assim como os idosos, de perderem este espaço ímpar de formação acadêmica e produção de conhecimentos, objetivos primordiais da universidade. Vale ressaltar que o programa investe também na educação continuada de profissionais interessados na Gerontologia, tendo realizado, recentemente, o último “Curso de Atualização em Saúde e Envelhecimento”, com duração de 8 meses, para mais de 70 alunos de múltiplas áreas

da Saúde e Humanas – em busca de capacitação teórica e prática – e que os nossos profissionais do programa, baseados nas mais diferentes experiências e expertises, podem oferecer. O Grupo Renascer, ao contrário do que pensam, não parou durante a pandemia de COVID19. Os idosos têm recebido assistência via teleatendimento, com os devidos registros, segundo as atividades abaixo descritas em anexo (Anexo I). Temos ciência do grave momento por que passamos com mudanças de toda ordem. Porém, não fomos consultados quanto às decisões de ocupação daquele espaço, muito menos para um planejamento de continuidade do nosso serviço, o que constitui, em nossa visão, uma atitude intempestiva. Questionamos a necessidade de abertura de espaços no HUGG visando ao tratamento da COVID-19 neste momento, uma vez que o Rio de Janeiro não possui indicadores críticos de esgotamento de vagas em CTIs nos serviços de referência para a COVID. Não há razão para um hospital universitário, referência em diversas áreas da formação, começar um desmonte dos seus espaços e programas acadêmicos de atenção à população, desfazendo-se, neste caso, de um importante nicho de produção científica, ensino de graduação exitoso, atualização profissional, e atuação interdisciplinar, voltada para uma população com a demanda que sabemos existir, e que será contraditória e profundamente prejudicada, em se levando a cabo a perda do CEMPE. Portanto, além de expor a situação à comunidade acadêmica, usuária do espaço, assim como a ex-alunos da casa que passaram pelo programa, gostaríamos de solicitar aos gestores diretos, que interrompam o uso não planejado do CEMPE (hoje feito de depósito), e que possamos, com maior respeito que merece a história do Grupo Renascer, marcar formalmente uma reunião entre gestores e representantes do programa, para esclarecimentos. E em seguida, repensarmos a distribuição do referido espaço, que é referência para a universidade na atenção à saúde do idoso e na formação para o Envelhecimento, como é possível atestar pelos projetos (Anexo II), assim pelos produtos descritos ao longo do tempo (Anexo III), e que não poderão funcionar separadamente, tamanha a importância da interdisciplinaridade para o programa. Atenciosamente, EQUIPE DO PROGRAMA.